

35

ano VI-123



DEPÓSITO LEGAL
DEZ 1945

MUNDO GRÁFICO



**A ESTÁTUA DA PÁTRIA
NO MONUMENTO DOS
RESTAURADORES**

O REAL INSTITUTO



Sir Humphrey Davy segundo um retrato de Lawrence. Além da sua fama universal, como químico, foi um conferencista poderoso e cativante: e toda a melhor sociedade de Londres acorria a Albermale Street para o ouvir.

O Real Instituto da Grã-Bretanha nasceu numa reunião em 7 de Março de 1799, chamada «para formar por subscrição, na Metrópole do Império Britânico, uma instituição pública para pagar o conhecimento e facilitar a introdução geral de invenções e melhoramentos mecânicos de utilidade, e para ensinar, por meio de séries de conferências filosóficas e experiências, a aplicação da ciência aos fins práticos da vida».

A reunião foi convocada pelo Conde Rumford, um descendente de ingleses que atingira posição elevada ao serviço do Eleitorado da Bavária. Desapontado por não receber o cargo de Embaixador ao chegar a Londres, aplicou todas as suas energias às causas do trabalho caritativo e da investigação científica. Possuído do verdadeiro amor à ciência, abriu caminho para a moderna concepção do calor como uma forma de energia e para a medida exacta do seu equivalente mecânico, por Joule.

Instalado num edifício em Albermale Street, o Instituto venceu as suas dificuldades iniciais e tomou lugar entre as estruturas permanentes no mundo da ciência. Continua único entre todas as outras instituições científicas, pois reúne em si as características de uma academia, de um colégio, de uma instituição de pesquisas e de um clube; contudo verdadeiramente não pode ser classificado como nenhum destes.

Nos princípios de 1801 o Conde Rumford tomou como Lector de Química um jovem natural de Cornwall chamado Humphrey Davy, cujo nome era já conhecido devido à sua descoberta das propriedades anestésicas do óxido nítrico — gás hilariante. Com esta escolha, Rumford fez mais pelo Instituto do que jamais fizera, pois Davy estava destinado a ser o maior químico do seu tempo. Pouco tempo depois de ter sido contratado, Albermale Street achava-se completamente cheia com os carros dos que queriam ouvir as suas conferências.

Ao génio de Davy faltavam, para sua expressão, duas coisas que o Instituto lhe forneceu — o seu laboratório e a sua Sala de Conferências. A sua dedicação à experiência e os seus poderes como leitor e conferencista formaram o que desde então tem sido a característica especial do trabalho do Real Instituto: uma tradição de investigação científica efectuada nos seus próprios laboratórios, juntamente com a exposição e illustração experimental das mais recentes pesquisas na sua Sala de Conferências. As pesquisas e a exposição científicas tornaram-se, e ainda o são, o propósito da sua existência.

Ao nome de Davy estão associadas descobertas sem conto no campo da química. Foi ele quem primeiro decomps as chamadas alcais fixas, potassa e soda; quem demonstrou que o gás pungente, então conhecido como ácido oximuriático, era uma substância elementar à qual deu o nome de «Clo-

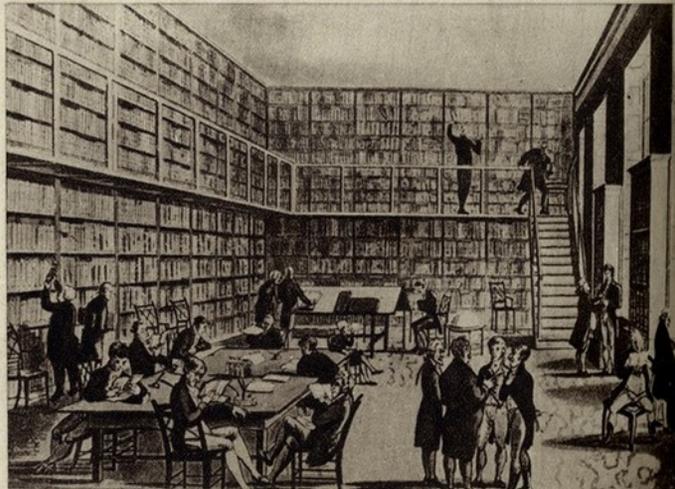
(Continua na página 4)



Uma das Conferências de Sexta-feira, que tanta celebridade trouxeram ao Real Instituto. Aqui, Lord Rutherford fala sobre o Novo Hidrogénio, na sala de Conferências da Instituição, em 27 de Março de 1934



O Real Instituto da Grã-Bretanha, em Albermale Street, Londres. Este edifício é único por reunir em si todas as características de uma academia, de um colégio, de um instituto de pesquisas com os seus laboratórios e oficinas



A Biblioteca do Instituto nos primeiros tempos de ser formado, (segundo uma «miniatura de Londres» de Ackerman). Desde os primeiros dias do Instituto, essa Biblioteca foi o lugar de reunião para os mais célebres cientistas de todo o mundo

A CANÇÃO DO MACHADO

por WALT WHITMAN

*BEM-AVENTURADAS, no mundo, sejam as terras!
pelo que trazem de bom e pelo que trazem de seu!
Bem-aventurada, por todo o valor de sua riqueza!
Bem-aventuradas as terras do cobre e do chumbo,
As terras do ouro e da prata, do ferro e carvão!*

*BEM-AVENTURADAS no mundo sejam tôdas as serras,
pelo que trazem de bom, lá do alto, lá do céu!
Bem-aventuradas por todo o esplendor da natureza!
Bem-aventurado o vale profundo onde dormem os rios!
Bem-aventurado o sol brilhante, com doirados fios!
Bem-aventuradas as terras do pinho e pinheiro, do figo,
[da figueira,
do limão, do limoeiro, da uva e da videira!*

*BEM-AVENTURADO o solo fértil do trigo, e as terras
[do algodão!
Bem-aventurado seja o nosso abrigo, e o nosso pão!
As terras de pastagens e as flores nas margens
dos rios bravios!
Bem-aventurada a imensidão da selva, as terras de
[descampado,
o frescor da relva, e o orvalho do prado!
Bem-aventuradas as lágrimas choradas, nas pancadas
[irregulares
da chuva sôbre as fôlhas depois das tempestades!
Bem-aventurado o verde das matas, o azul do céu e o
[azul do mar!
Bem-aventurada a sombra das palmeiras nas terras
[brancas do deserto!*

*BENDITOS os ventos que sopraram as velas,
dos primeiros barcos que sulcaram os mares!
Bendita a lembrança das tempestades,
do batei das ondas e do ranger dos mastros!
Bendita a lembrança do desembarque
dos que fundaram uma Nova Inglaterra!
Bendita a história dos lenhadores de Ottawa, Colorado
[e Arkansas,
que viveram os dias em pequenas choupanas
de espingarda nos ombros e machado na mão,*

(Continua na página seguinte)

O poeta épico americano Walt Whitman (1819-92) cantou as regiões dos Estados Unidos e os pioneiros que as colonizaram — neste poema «Song of the Broadaxe» do qual reproduzimos aqui um excerto. A «canção do machado» faz parte do livro *Leaves of Grass* cuja primeira edição saiu em 1855; o ritmo e a forma da composição não são convencionais. Esta é uma versão livre portuguesa da autoria do poeta brasileiro Landtzer.



A CANÇÃO DO MACHADO

(Continuação da página anterior)

vencendo a fome, a terra agreste e a mata virgem!
Bendito o valor dos que arriscaram a vida,
'tê na hora da morte, desde a hora da partida
por uma pátria que tinham em seu coração!
Benditos os traços duros de suas faces rudes,
Bendita a força independente de seus braços,
Bendito o suor caído de suas frentes
regando a terra, o fruto do seu trabalho!
Bendito o pranto das florestas devastadas,
Bendito o lamento dos troncos que tombaram!
Bendito o primeiro arado que cortou a terra,
Benditas as sementes da primeira seara!
Bendita pá! Bendita enxada! Bendito ancinho!
que separou o trigo do joio seu vizinho!

ENTÃO nasceram as primeiras formas!
formas que vieram tôdas do machado
decidido e forte dos lenhadores
que em Penobscot, Kennebec e Califórnia,
derrubando matas e levantando casas,
abrindo estradas e construindo pontes,
deu uma forma para essa terra virgem
vestindo um manto nessa terra nua!

ENTÃO nasceram mais outras formas,
a vida turbulenta das cidades grandes,
duas linhas de ferro, entrando pela mata, e ligando
as primeiras naus quebrando as ondas, cortando
as primeiras águas,
e os aeroplanos subindo às nuvens, e cortando os
ares!

NASCEU, emfim, a forma principal!
forma espontânea, forma natural,
Democracia! luz, paz, amor, verdade,

Democracia! que é tôda essa amizade unindo os
[corações do mundo inteiro!]

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alvíolos começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as rupções ou ardência na pele.

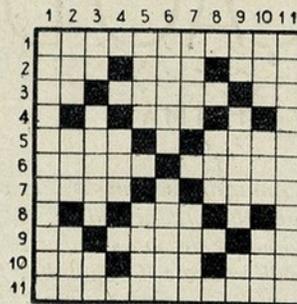
Se vende em tôdas as farmácias e drogarias

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 123

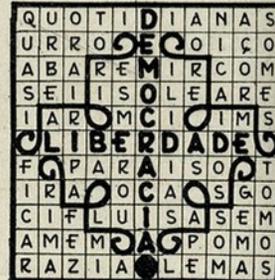
HORIZONTAIS

- 1 — Região da Ásia antiga, entre o Eufrates e o Tigre.
- 2 — Escudeiro; Pai dos pais; Ferro temperado.
- 3 — Nota musical; Reptão; Aspecto.
- 4 — Interjeição.
- 5 — Grande apetite; Despovoad.
- 6 — Inflamação na mucosa das gengivas; Distinto poeta e jornalista brasileiro, autor de «Poesias, Crônicas e Novelas».
- 7 — Filho de Júpiter, que, tendo-se tornado célebre pela sua injustiça, passou a ser, depois de morto, um dos três juizes dos infernos (Mitol.); O primeiro rei dos Hebreus.
- 8 — Cruel.
- 9 — Existe; Fraude; Símbolo químico do célio.
- 10 — Alter; Espaço de tempo; Progenitor.
- 11 — Região inglesa da Ásia aus-

tral, confinante com o Sul de Moçambique.

VERTICAIS

- 1 — Espécie de canção e música espanhola (pl).
- 2 — Ena! Vai-te embora! Arquipelago da Malásia holandesa onde ficou celebrado um formidável ataque de esquadras e aviação americanas que destruiu um grande combóio japonês.
- 3 — Ermo; Exclusivo; Em doses iguais.
- 4 — Ligo.
- 5 — Palácio real; Ingeri alimentos.
- 6 — Produto do ovário; Capital da Argélia.
- 7 — Inteiro; Animal carnívoro que habita nas regiões frias (fem.).
- 8 — Aqui está.
- 9 — Cãhemo da Índia; Margens; Símbolo químico do paládio.
- 10 — Levanta; Perverso; Tomba.
- 11 — Rotura da perna.



Solução do problema 122

O REAL INSTITUTO

(Continuação da página 2)

rines; e a sua invenção da Lâmpada de Segurança dos Mineiros trouxe uma nova segurança aos muitos milhares de trabalhadores britânicos das minas de carvão.

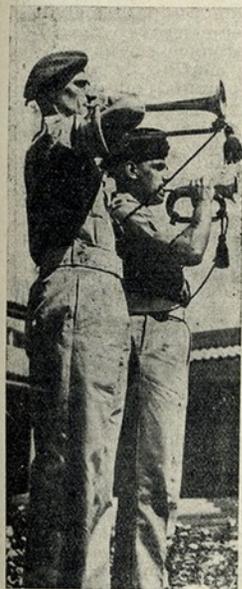
Em 1813 foi Davy quem nomeou Michael Faraday, então com 20 anos de idade, para o cargo de assistente de laboratório. Este acontecimento estava destinado a ter consequências notáveis não só para o Instituto mas para o mundo inteiro. Para muitas pessoas o Real Instituto é célebre por ter sido o lugar onde Michael Faraday, o encadernador que se tornou cientista, viveu e trabalhou. As conferências atraíram todos os londrinos do princípio da Época Victoriana e Almerbale Street, e as suas descobertas no campo da química e da electricidade estavam destinadas a ter um papel importante na formação da vida moderna. Em 1815, foi principalmente, de Faraday que partiu a iniciativa de fundar os Cursos de Sexta-feira que ainda perduram. Adquiriu grande partido entre as crianças e mais tarde

fez frequentes e populares palestras de Natal.

As experiências de Faraday na Introdução Electro-magnética levaram, directamente, à invenção das máquinas dinamo-eléctricas e aos meios de generalizar e distribuir a energia eléctrica. Deve mesmo dizer-se que toda a ciência de engenharia eléctrica provém das suas descobertas.

Muitos nomes célebres estão associados ao Instituto e destes podemos mencionar apenas alguns: John Tyndall que sucedeu a Faraday como Professor Residente, dedicou-se ao Instituto e deixou uma obra tão grande como a dos seus predecessores. Seguiu-se James Dewar cujo nome está para sempre associado com a liquefação dos gases. Sir William Bragg que morreu em 1942, célebre em todo o mundo pelo seu exame radiográfico da estrutura dos cristais e de outras substâncias. A Biblioteca do Instituto é bem conhecida em todos os meios científicos. E' hoje uma das mais importantes e, para a ciência física, uma das mais bem fornecidas de Londres.

REFLEXOS DO MUNDO



No Cairo, a inauguração do monumento dos generais John Charles e Ewart Gott

ficando a cor de rosa para a mulher e a azul para o homem. O acréscimo do custo seria insignificante, e o aumento do trabalho seria uma bagatela.

Se esta idéia fosse avante, traria um jacto de luz sobre os aspectos psicológico e outros das eleições e eleitores, e ajudar-nos-ia a melhorar os nossos métodos e os nossos juízos.

(Spectator)

Questão de profissão

Dois homens visitavam num compartimento de uma carruagem de 1.ª classe, mantendo uma conversa animada. As janelas haviam sido fechadas pelos anteriores ocupantes e a conversação girava sobre o tema ventilação.

— Pois eu — dizia um deles — aconselho todas as pessoas a dormirem de janelas abertas durante todo o ano.

— Oh! oh! — riu o outro. — É fácil de adivinhar a sua profissão.

— Qual julga então que é ela?

— É mais do que evidente que você é médico.

— Está muito enganado, meu caro amigo — retorquiu o outro, confidencialmente — Para lhe confessar a verdade, sou ladrão!

(North By Night)

Os efeitos e lucros de um tónico

Uma das histórias que Sir Mark Collet contava era a de um médico que tinha um tónico especial do qual, alguns dos seus doentes, deviam ter ingerido litros. Um dia, estava o filho do médico em casa e tendo este muito que fazer disse ao garoto:

— Atravessa o campo e vai ver se mister John Smith se sente melhor. Deveria lá ter ido, mas tenho tanto que fazer...

O rapaz foi e inquiriu do estado de saúde. O doente respondeu que se sentia muito melhor e que precisava de outra garrafa de tónico.

— Por que queres outra garrafa? — perguntou o rapaz.

— Já vai saber. Muita gente que passa por aqui quer beber qualquer coisa. Eu tenho o tónico metido numa garrafa de licor. Vai um licorzinho? — pergunto — E vai. Ora como

cada fresco custa meia coroa e dá seis cálices e eu vendo cada um por um xelim, está a ver o negócio.

(Coyman Tenthr)

Oh, Canadá!

Segundo informações de um funcionário do racionamento, acreditam ou não, há no Canadá 10.000 John Does. Quando foi feita a distribuição das cartas de racionamento e das respectivas instruções para o seu preenchimento, o nome escolhido para exemplo foi John Doe. Depressa as cartas começaram a voltar aos serviços e cerca de 10.000 pessoas preencheram-nas com John Doe em vez de porem o seu próprio nome.

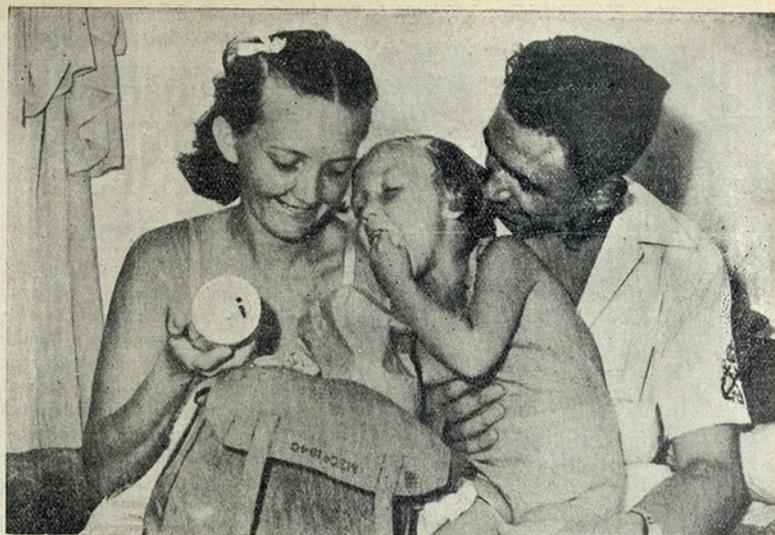
(Maclean's Magazine)

Questão de disfarce

— Mais uma pergunta papá. Que aconteceu então a esse terrível Hitler?



Um criminoso de guerra japonês, o coronel Asoo Tokunaga, cuja fisionomia é bem expressiva



SEIS ANOS DEPOIS

Alegria de viver! O pai, soldado inglês pediu permissão para ir combater no Oriente, com a secreta esperança de um dia se poder reunir á esposa e á filha, que os nipoes haviam internado num campo de concentração. E' a sua primeira refeição inglesa. Tanto a mãe como a menina estão em «maillot», porque acabam de festejar o acontecimento, nadando nas águas azues do maravilhoso porto

— Durante muito tempo, meu filho, ninguém saberá. Haverá muitas hisórias. Morreu, dizem uns. Escondeu-se em Espanha, no Japão, na Argentina, no Eire, dizem outros. Escolhe á tua vontade. E então, lá para 1960, morrerá de uma indigestão, em Chicago, um maltrapilho qualquer chamado Donnerblitz. E' Hitler. Ai viveu quinze anos.

— Mas não conseguirá nindescobri-lo?

— Não. Mudando de nome e rapando o bigode continua a ser quem é, condenando as democracias Russa e Inglesa, o Governo de Washington, e o mundo de uma maneira geral. E assim, os vizinhos o tomarão por um bom cidadão americano não sonhando sequer quem éle é.

(American Magazine)

Estaremos mais equilibrados?

No porte das multidões, durante a semana da Vitória, havia um certo traço de seriedade sob aquela alegria, uma nota de solenidade no seu deleite. Será ser optimista demais supôr que isto era devido a uma melhor compreensão da responsabilidade individual? Não sou dos que vêem o optimismo como uma falácia política. Pode ser confirmado por uma comparação com a reacção do povo na última guerra. Vejamos o caso. No segundo ano da actual guerra havia só alguns com essa mania. E em 1940 havia mais

justificação para a mania, dos espões do que em 1915. O perigo de invasão esteve muito



Um belo salto, num cavalo, montado por um soldado inglês, que se exhibiu num certame realizado em Hanover

mais próximo; o exemplo da quinta coluna na Europa ocupada era mais do que perturbador; e o ape feijramento de rádio facilitava comunicações secretas com o inimigo. No entanto, o povo de 1945, ao contrário do de 1915, manteve-se calmo. E' pure optimismo concluir que estamos mais equilibrados do que outrora?

(Spectator)



ALAN CUNNINGHAM ★

A escolha do general Sir Alan Cunningham para substituir Lord Gort, afastado por motivo de doença do cargo de Alto Comissário para a Palestina e para a Transjordânia, foi acolhida com uma satisfação compreensível em todos os meios onde estão a ser seguidos, com uma curiosidade e uma ansiedade compreensíveis, os acontecimentos do Próximo Oriente. Trata-se, efectivamente, de uma região de importância vital, sob o ponto de vista estratégico e sob o ponto de vista político e é natural que o governo britânico pretenda estar nela representado por uma individualidade de primeiro plano que junta a sua folha de excelentes serviços militares à reputação de um administrador e de um diploma de incontestável merecimento.

Irmão do grande almirante Andrew Cunningham, que tão brilhantemente ganhou a batalha do Mediterrâneo, Sir Alan tem actualmente 53 anos e durante a última guerra distinguiu-se em França e África onde reconquistou a Somália e a Abissínia, ao fim de uma campanha considerada brilhantíssima por todos os peritos militares. Depois dessa vitória encarregou-se de organizar o famoso 8.º Exército, em cujo comando foi colocado no verão de 1941. Em 18 de Novembro desse ano atacou os alemães de Rommel dirigindo a primeira fase das operações do Norte de África sob o comando supremo do general Sir Claude Auchinleck que era, então, o comandante supremo das forças britânicas do Próximo Oriente.

Depois de abandonar essas funções, foi nomeado, em 1942, director da Escola Militar de Camberley e no ano seguinte colocado no comando das forças da Irlanda do Norte onde confirmou as qualidades.

CRÓNICA INTERNACIONAL

VINTE E DOIS MILHÕES DE MORTOS

○ sr. Churchill contou, há pouco, durante a sua viagem ao continente, que uma vez, em conversa com o malogrado presidente Roosevelt, lhe dissera que a guerra, que durante seis anos assolou o mundo e transformou a Europa num montão de ruínas, devia chamar-se a guerra desnecessária! Nunca uma síntese mais simples e esclarecedora foi encontrada para um acontecimento de tão vastas e catastróficas proporções.

○ julgamento dos responsáveis pela declaração e pela realização dessa guerra os quais estão a efectuar-se em Nuremberg, ilustram, com uma eloquência dramática, a verdade anunciada pelo antigo Primeiro Ministro da Grã-Bretanha. Quando se lê o libelo acusatório, formulado por um tribunal como aquele que funciona na antiga cidade santa do nazismo, quando se considera o fundo das declarações dos acusados, não se pode ficar insensível perante a ligeireza com que foram lançados para a fogueira dum guerra implacável e sem quartel milhões de homens de todas as raças, cujo único delito era o da sua crudelidade e da sua boa fé.

Segundo uma estatística, recentemente revelada no Vaticano, do prélio gigantesco que durante seis anos ensombrou o mundo, desde os confins do Oceano Ártico à imensidade do Pacífico e desde as paragens ocidentais do Atlântico às ilhas do arquipélago japoneses, resultaram vinte e dois milhões de mortos e mais de trinta milhões de feridos, muitos deles irremediavelmente perdidos para qualquer trabalho útil.

Nunca, como agora, esse risco foi mais evidente e mais tangível. Decorridos seis meses sobre o termo da hecatombe na Europa, a vida internacional continua a decorrer no meio da mesma insignificância descuidada que foi a verdadeira causa, a causa primordial de duas conflagrações mundiais desencadeadas num quarto de século em todos os continentes e em todos os oceanos.

Como foi possível que os homens que estão actualmente a ser julgados em Nuremberg tivessem dirigido os destinos dum grande povo condicionando simultaneamente a vida dum continente com as tradições e as responsabilidades da Europa, apenas porque a sua audácia e a sua formação espiritual lhes permitiam afirmar um profundo desprezo pelas regras elementares e fundamentais do convívio internacional? Houve um momento na evolução do nosso continente em que o desrespeito pelos compromissos livremente assumidos, fundamento essencial de qualquer ordem jurídica, foi arvorado como título de glória e a violência, clara ou disfarçada, se tornou a regra invariável de acção nas relações entre os fortes e os fracos.

A lição foi dura e sangrenta. Terá ela aproveitado inteiramente como seria de esperar e desejar? Ainda neste momento se não encontra a funcionar a Liga das Nações Unidas, prevista pelos idealistas que fiam sempre da boa fé e da compreensão para que a vida internacional deixe de ser uma floresta cerrada e hostil na qual são possíveis os mais condenáveis atentados e os atropêlos mais flagrantes.

Para que os povos readquiriram, de novo, uma sensação de segurança, sem a qual nada de útil ou belo pode fazer-se, é indispensável que termine definitivamente o período sombrio das suspeições que, sob a designação propícia de paixão ou sentimento nacional, perturba perigosamente o convívio indispensável à sua sobrevivência.

○ OBSERVADOR

As conversações de Washington

As conversações que o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha teve, em Washington, com o presidente Truman e com o sr. Mackenzie King, serviram para pôr em relêvo, de maneira inequívoca, a gravidade da situação internacional e os riscos que representaria, para a humanidade e para a civilização, o emprego da energia atómica em qualquer novo conflito de proporções mundiais que porventura viesse a desencadear-se nêstes tempos mais próximos.

Nenhum homem, servido por um mínimo de bom senso, tem hoje dúvidas sobre os resultados fatais de um novo conflito armado entre as grandes potências.

A grande exposição de 1951

Está a tomar vulto em Inglaterra a idêia da realização naquêle país de uma grande exposição internacional a realizar em 1951, tendo como pretexto a comemoração do centenário da Exposição de Hyde Park, o primeiro grande certame que se realizou na Europa ao qual concorreram várias nações. Estava-se então longe da idade atómica com todos os seus perigos e seduções. Era um período relativamente tranqüillo da história do mundo, e os homens preocupavam-se, em plena era industrial, mais de construir do que de destruir.

Os tempos mudaram e com eles mudou o espírito dos homens. Mas uma grande exposição internacional voltaria a ser, decerto, um processo aliciante de aproximar os povos na admiração das grandes realizações que a inventiva humana conseguiu. A única dificuldade está em saber o que se passará, entretanto, num mundo sujeito a tantas e tão contraditórias paixões.

Impremeáveis de balões de barragem

O governo britânico pôs à disposição da indústria muitas centenas de balões de barragem utilizados na defesa de Londres e de outras cidades. Estão a fabricar-se com estes «elefantes desmobilizados», que protegeram alvos vitais contra os bombardeiros nazis, casacos impermeáveis e aventais impermeáveis e vários outros artigos de utilidade caseira.

MUNDO GRÁFICO

Director: **ARTUR PORTELA**

Chefe de Redacção e Editor: **REDONDO JÚNIOR**

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º | Lisboa | Telefone 25240

REVISTA QUINZENAL

PROPRIEDADE DO MUNDO GRÁFICO, LDA.

Composição e impressão: Neogravura, Lda. — Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 e 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$80

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

LIBERDADE SOB DEUS

«Nos dias que estão para vir, aos quais queremos dar segurança, antevemos um mundo fundado em quatro liberdades humanas essenciais. A primeira destas liberdades é a liberdade de palavra e liberdade de Imprensa — por todo o mundo. A segunda, é a liberdade que cada indivíduo tem de adorar a Deus à sua própria maneira — em toda a parte do mundo. A terceira, é a liberdade contra a miséria — por todo o mundo. A quarta, é a liberdade contra o medo — em todo o mundo. Isto não é a visão de um futuro distante. É, sim, a base definida para uma espécie de mundo possível e realizável nos nossos dias e na nossa geração».

Franklin D. Roosevelt



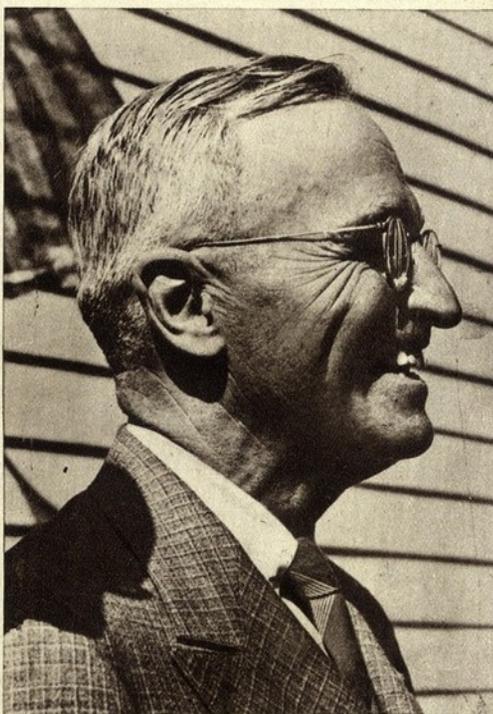
O Grande Presidente Roosevelt

EM 14 de Agosto de 1941, o Presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt, prematuramente desaparecido do número dos vivos, estabeleceu, com o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha, Winston Churchill, as linhas gerais da futura organização do mundo, em bases democráticas e pacíficas. O documento que, nessa altura, foi revelado ao mundo, sob a designação da Carta do Atlântico, continua a ser uma das grandes esperanças de salvação da Humanidade e da causa da Paz.

Em 28 de Outubro de 1945, o sucessor de Roosevelt, Harry Truman, na sequência da política do seu ilustre antecessor, fez saber qual é o pensamento actual do seu país quanto às condições em que deve ser organizada a paz e devem evitar-se novos conflitos sangrentos pela criação de uma sociedade onde o respeito pelas liberdades individuais e pelos direitos imprescritíveis dos homens sejam a primeira condição de vida social. Trata-se de um notável documento, de uma clareza meridiana, que se pode considerar uma das pedras bazilares da paz do mundo. Os exércitos anglo-americanos, que redimiram a Europa e tantas outras partes do mundo, da tirania nazi-fascista-nipônica, não devem ter vertido, inutilmente o seu sangue. Não se bateram por territórios ou zonas de influência comercial, mas para restabelecer as liberdades públicas, dando a cada indivíduo, a cada alma, a cada família, como a cada lar, a sua plena independência moral e espiritual.

A guerra demonstrou que foram, afinal, as democracias, que muitos se empenha-

(Continua na página 8)



Truman, cujo sorriso reflecte o optimismo da América

OS 12 PONTOS DE TRUMAN

1.º — Não procuramos qualquer acréscimo territorial ou vantagem egoísta; não temos qualquer programa agressivo contra qualquer potência grande ou pequena; não temos qualquer objectivo que colida com as ambições pacíficas doutra nação.

2.º — Acreditamos na restituição eventual dos direitos de soberania e Governo autónomo de todos os povos que foram privados deles, pela força.

3.º — Não daremos a nossa aprovação a qualquer alteração territorial, em qualquer país amigo, a não ser que ela esteja de acôrdo com a vontade livremente expressa do povo em questão.

4.º — Julgamos que todos os povos que estão preparados para se governar a si mesmos deveriam ter o direito de escolher a sua forma de Governo próprio, sem interferência de qualquer agente estrangeiro, e isto é verdade tanto na Europa, Ásia e África, como no hemisfério ocidental.

5.º — Em cooperação com os nossos aliados, ajudaremos os Governos democráticos que forem livremente escolhidos e procuremos realizar um mundo no qual não existam o nazismo, o fascismo e a agressão militar.

6.º — Recusar-nos-emos a reconhecer qualquer Governo imposto a uma nação pela força de qualquer forma de poder. Em alguns casos, poderá ser impossível evitar a imposição pela força de um Governo, mas os Estados Unidos não negociarão com tal Governo.

7.º — Pensamos que todas as nações devam ter liberdade nos mares, nos rios e outras passagens marítimas, que atravessam mais dum país.

8.º — Cremos que todos os Estados que forem aceites na Sociedade das Nações poderão ter acesso ao comércio e matérias primas do Mundo.

9.º — Cremos que os Estados soberanos do hemisfério oci-





O congresso dos Estados Unidos, votado ao culto das liberdades públicas

Liberdade sob Deus

(Continuação da página 7)

ram em negar, que sairiam vitoriosas, não, apenas, pela força das armas, como pela superioridade da sua estrutura política. Bateram-se melhor os filhos das nações livres; organizaram-se melhor para a consecução da luta, os estados que são expressões legítimas da soberania popular; revelaram-se mais tolerantes, compreensivos e humanos, os exércitos que defenderam os princípios eternos da religião e da ética social. A tirania que terminou, na Alemanha, com Hitler, e na Itália, com Mussolini, com os seus personalismos exaltados e unilaterais, deu provas negativas e ruins. A voz de Truman, voz de uma consciência, entende que a vida do mundo tem de ser estabelecida em bases naturais. A independência sagrada das nações, corresponde aos direitos imprescritíveis do indivíduo. Porque se trata de um verdadeiro Código de dignidade humana simpatia universal, julgamos do maior interesse oferecerê-lo à meditação dos nossos leitores.

OS 12 PONTOS DE TRUMAN

(Conclusão da página anterior)

dental, sem interferência de fora do hemisfério, devem cooperar como bons vizinhos na solução dos seus problemas comuns.

10.º — Cremos na completa colaboração econômica entre todas as nações, grandes e pequenas, e que ela é essencial para o progresso das condições de vida em todo o Mundo e estabelecimento da liberdade do medo e liberdade da necessidade.

11.º — Continuaremos a trabalhar para conseguir a liberdade de expressão do pensamento e liberdade religiosa em todas as áreas pacíficas do Mundo.

12.º — Estamos convencidos de que a conservação da paz entre as nações exige uma organização de Nações Unidas formada por todos os povos amantes da paz que desejam, se tanto for preciso, fazer uso da força em conjunto para manter a paz.



A mecanização da vida americana. É que as máquinas não sofisman eleições e o voto que entra nestas caixas tem o seu valor verdadeiro



Churchill fala ao Senado de Washington. A sua palavra é a voz do mundo livre

A abertura das caixas seladas nas últimas eleições, em Inglaterra. Vieram da Birmania com os votos dos soldados que se bateram contra os japoneses

CRIMINOSOS DE GUERRA



HERMANN WILHELM GÖRING.



RUDOLF HESS.



JOACHIM VON RIBBENTROP.



ROBERT LEY.



WILHELM KEITEL.



ERNST KALTENBRUNNER.



ALFRED ROSENBERG.



HANS FRANK.



WILHELM FRICK.



JULIUS STREICHER.



WALTER FUNK.



HJALMAR SCHACHT.



GUSTAV KRUPP VON BOHLEN
UND HALBACH.



KARL DÖNITZ.



ERICH RAEDER.



BALDUR VON SCHIRACH.



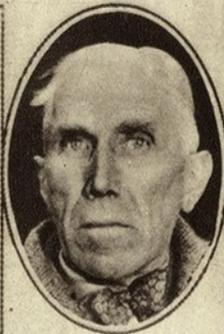
FRITZ SAUCKEL.



ALFRED JODL.



MARTIN BORMANN.



FRANZ VON PAPEN.



ARTUR SEYSS-INQUART.



ALBERT SPEER.



CONSTANTIN VON NEURATH.



HANS FRITZSCHE.

Estes são alguns dos homens que desencadearam a guerra na Europa, que, em breve, se propagou ao resto do mundo. Cairam, por sua culpa, 20 milhões de mortos e 30 milhões de feridos. A fome, as violações das nacionalidades, os atentados á consciência humana, as perseguições religiosas ou ráticas, as destruições, os campos de concentração, etc., tudo isso teve por origem o nazismo. El-los agora respondendo, no tribunal de Nuremberg, a um júri constituído por magistrados ingleses, americanos, franceses e russos. Trata-se de um julgamento histórico, de ética irrefutável, cujo objectivo primacial é pôr termo ás guerras de agressão. Os arguidos são assistidos por advogados de defesa alemães

O DIREITO DOS ELITORES NA INGLATERRA



AS últimas eleições na Inglaterra criaram um precedente. Pela primeira vez na história as listas não foram contadas imediatamente depois de terminar a votação porque era preciso aguardar que chegassem centenas de milhares de votos de homens e mulheres dos Serviços Armados.

Eis a história de uma lista eleitoral, desde o momento em que, mera tira insignificante de papel branco, entra na assembleia eleitoral, até chegar, mais tarde à dignidade de representar um voto que ajudará a decidir qual dos partidos governará a Inglaterra.

Quem tivesse entrado na Câmara Municipal de Camberwell Town na véspera das eleições poderia ter visto o sr. Darrell Musker, o secretário da Câmara, a descer no elevador, levando na mão duas chaves grandes. Se o tivesse seguido (coisa impossível porque a polícia interviria) tê-lo-ia visto sair nas profundezas do subterrâneo e dirigir-se à casa-forte, anexando um ou dois ajudantes pelo caminho.

Aberta a pesada porta exterior da casa-forte, veria, pela grade interior, numerosas caixas metálicas. Com um ar vagamente conspiratório o sr. Musker abriu a grade e os seus ajudantes, com uma precisão cuidadosa que indicava bem a importância dessas caixas, juntaram-nas e carregaram-nas num camião que as levou debaixo de escolta.

Mas porquê tanto segredo e cuidado? As caixas não teriam sido mais cuidadosamente conferidas e guardadas se tivessem contido ouro do Banco de Inglaterra. De facto, eram mais importantes. Eram as urnas que, juntamente com outras semelhantes espalhadas por todo o Reino Unido, deveriam em breve conter a chave do poder político.

O sr. Darrel Musker, que substitue o Fiscal (Returning Officer) da Municipalidade de Camberwell tem muito que fazer para preparar o seu dia. A Municipalidade tem mais de

100.000 eleitores, além de perto de 13.000 nomes nos cadernos eleitorais das forças armadas. Camberwell elege quatro deputados de maneira que existem quatro círculos eleitorais e, ao todo, 107 assembleias. Cumpria ao sr. Musker verificar que fossem impressas em número suficiente listas, em pacotes de 100, e escrupulosamente guardadas a cada passo desde o momento de saírem da máquina de impressão até àquêle em que fossem devolvidas ao funcionário da Corôa no Supremo Tribunal de Justiça, acabadas as eleições.

Um dia antes de serem enviadas para as assembleias eleitorais as urnas ficaram recheadas de tudo quanto era preciso para a votação. Puseram-se-lhes dentro as preciosas listas, depois de cuidadosamente conferidos os números serias. Seguiram-se os cadernos eleitorais para cada assembleia, avisos impressos dizendo «Entrada», «Saída», um Novo Testamento para o caso de se exigir a um eleitor que jure não ter já votado. Declarações de analfabetismo, impressos vários, cordel, lacre, sobrescritos e lápis.

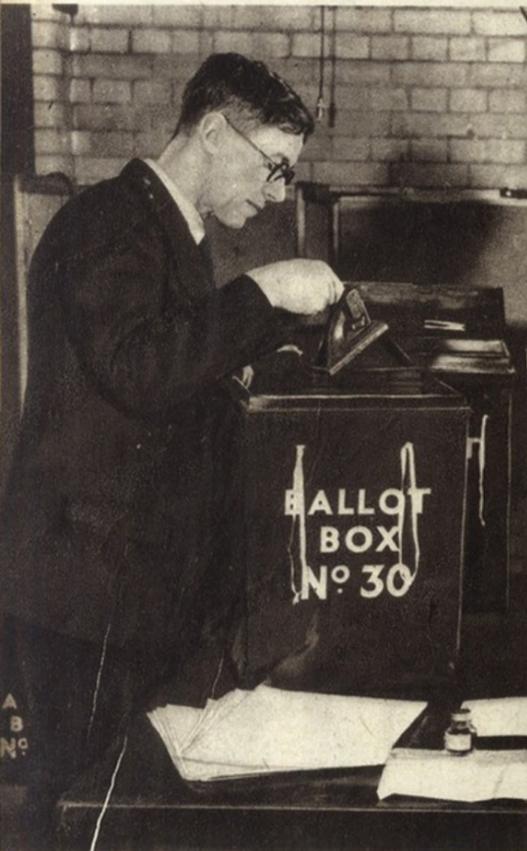
Havia também um selo perfurante empregado para selar a lista eleitoral com um sinal oficial secreto antes de ser entregue ao eleitor. Como se pode alterar esta perfuração por simples regulação e não se resolve qual o código secreto a utilizar senão uma hora antes de começar a votação, existe de facto salva-guarda completa contra a utilização de listas não autorizadas ou falsas.

Em mais parte alguma do mundo é a votação mais leal e mais secreta. As urnas ficam fechadas à chave na assembleia durante a noite anterior às eleições e, na manhã da votação, são esvaziadas do seu conteúdo, verificadas pelo presidente da Assembleia (que tem que fazer um juramento solene de guardar segredo) para se ter a certeza de que estão absolutamente vazias, depois do que

(Continua na página 18)



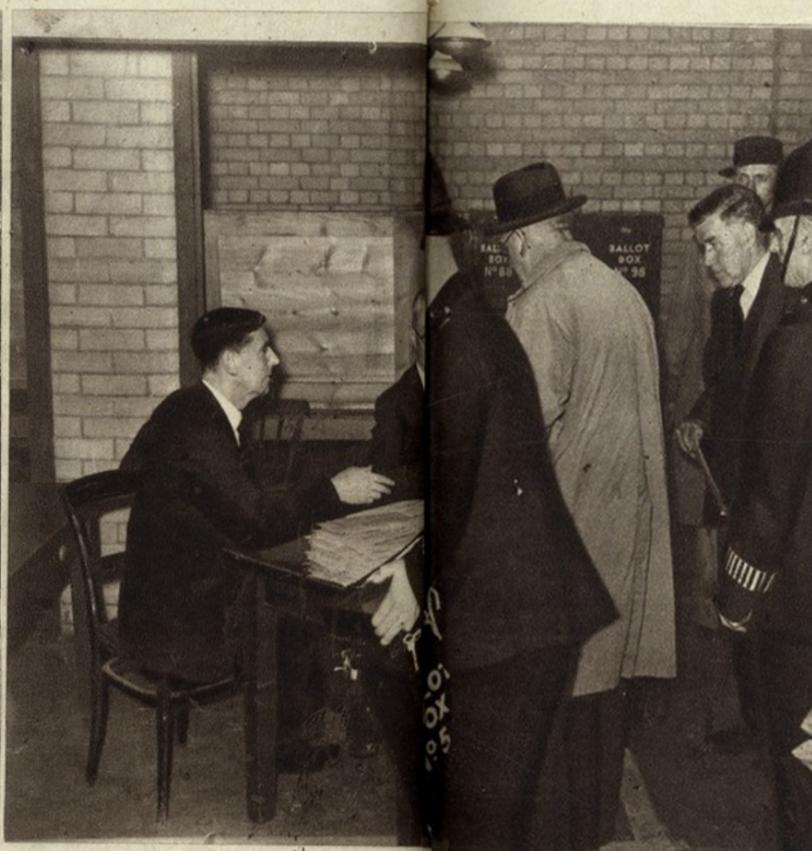
Preparativos para as eleições. Colocam-se dentro das urnas: canetas, lápis, lacre, velas, cordel, envelopes, papel de embrulho, o selo oficial perfurante, o que tem mais importância, as listas eleitorais. Estas urnas assim recheadas são distribuídas pelas assembleias eleitorais



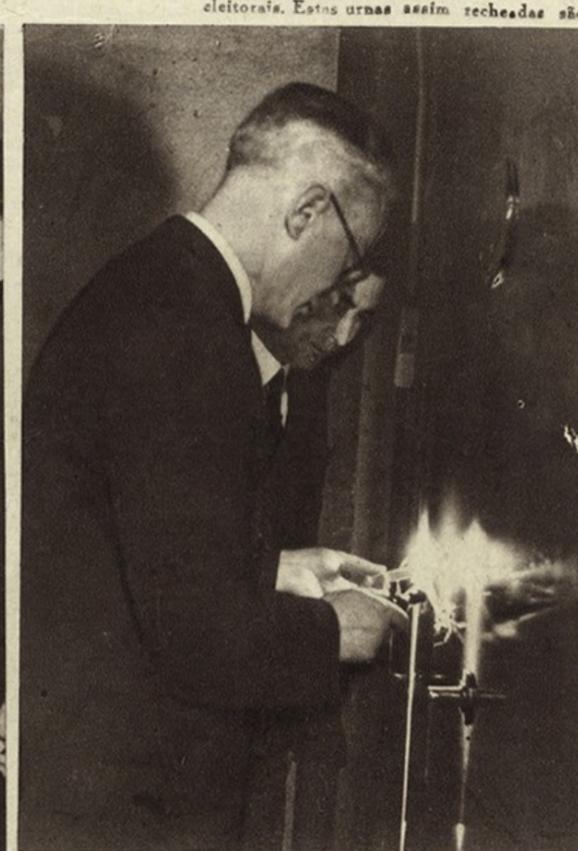
Depois de fechada à chave, é selada a porta da casa-forte para só ser reaberta no dia 25 de Julho quando o Sr. Musker procede à contagem dos votos na presença dos candidatos e dos seus dirigentes



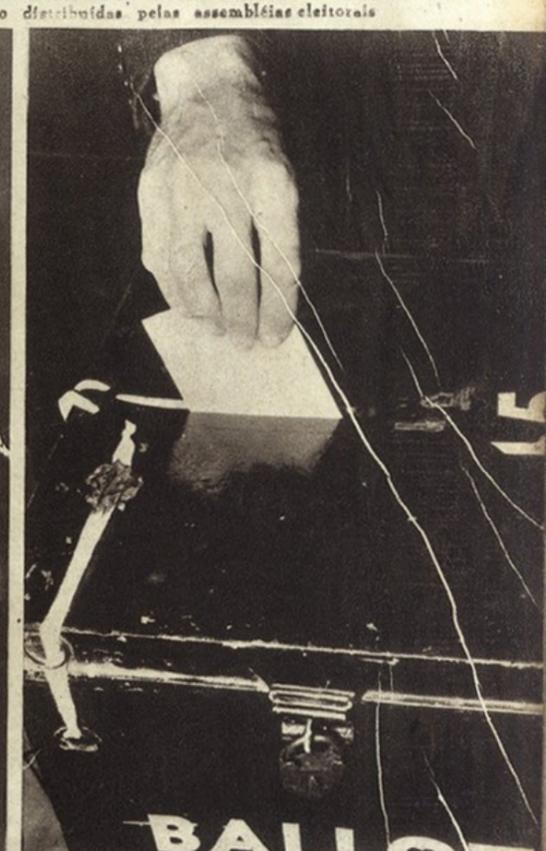
A distribuição faz-se por meio de camiões escoltados pela polícia



A chegada das urnas à Câmara Municipal onde Musker as verifica e as faz colocar em pilhas separadas segundo os distritos eleitorais de Camberwell



Selagem das urnas depois da votação



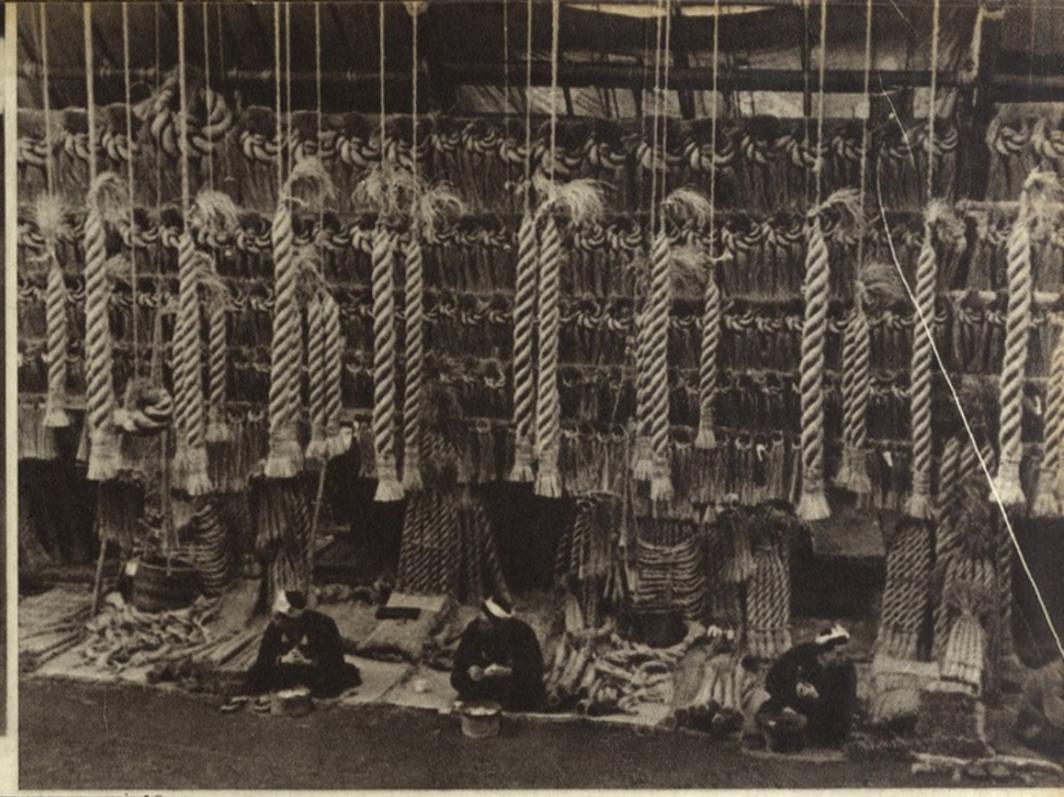
A entrada das listas nas urnas



O homem é feio, mas a mulher é graciosa e pacífica, entregando-se aos labores domésticos



Numa rua de Tóquio, vendo os últimos padrões de seda sempre flores de lotus e passarinho



Uma curiosa loja de passamanaria, onde as cordas de seda parecem um repositório



Dois gueishas, que viviam, tranqüilamente, antes da guerra que a ambição nipônica desencadeou no Oriente

COMO ELES E ELAS SÃO

ÊLES são feios, misteriosos, de uma fisionomia encarquilhada. Por natureza, não são alegres, nem comunicativos, como os chineses. Diferenciam-se pela estatura, diminuta e franzina e pela sua desconfiança. O chinês sonha, olha o Mundo, com uma pequena bola de cristal, onde há sempre uma imagem nova de encantamento a admirar; o japonês, pelo contrário, é duro, cruel, dominado por séculos de obediência cega a um anacrônico ritual imperialista, que como lhe modela, toda a existência. Nesta guerra, o japonês não conheceu leis ou moral. Caiu no barbarismo. Ultrapassou os limites daquela civilização que o europeu — nós, portugueses fomos os primeiros, — levámos à sua terra. Por toda a parte torturou, maltratou, incendiou, chacinou, blasonando um orgulho rárco que faz sorrir os chineses com uma cultura de milênios

compreensivos e humanos, e embebidos de uma filosofia tão serena como tolerante.

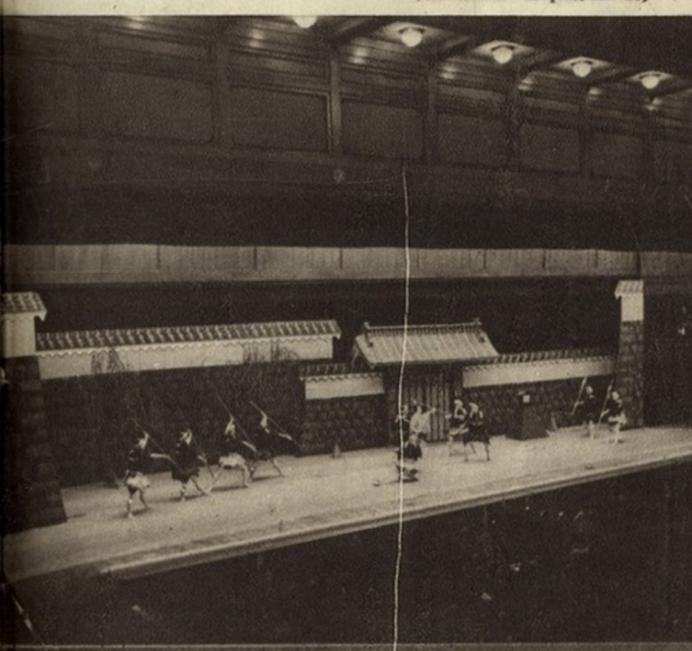
Gunther, repórter americano, dá uma curiosa explicação do aparecimento do japonês sobre a terra, deliciosa caricatura que, de certo, lhe foi contada por algum sábio mandarim.

Ao contrário do homem, a mulher japonesa é um ser sensível. Pelo menos, assim o parece. Com os seus quimonos, os seus obis-laçarotes de grandes pontas — os seus penteados altos e lustrosos — com nomes de flores, de estações, ou de pássaros — ela é um contraste fútil e animico na paisagem humana da sua pátria. A sua vida é confinada. Para ela o marido é um pequeno déspota que deve reverenciar, idolatrar. Frágil, ductil nos seus pezinhos débeis, a ja-

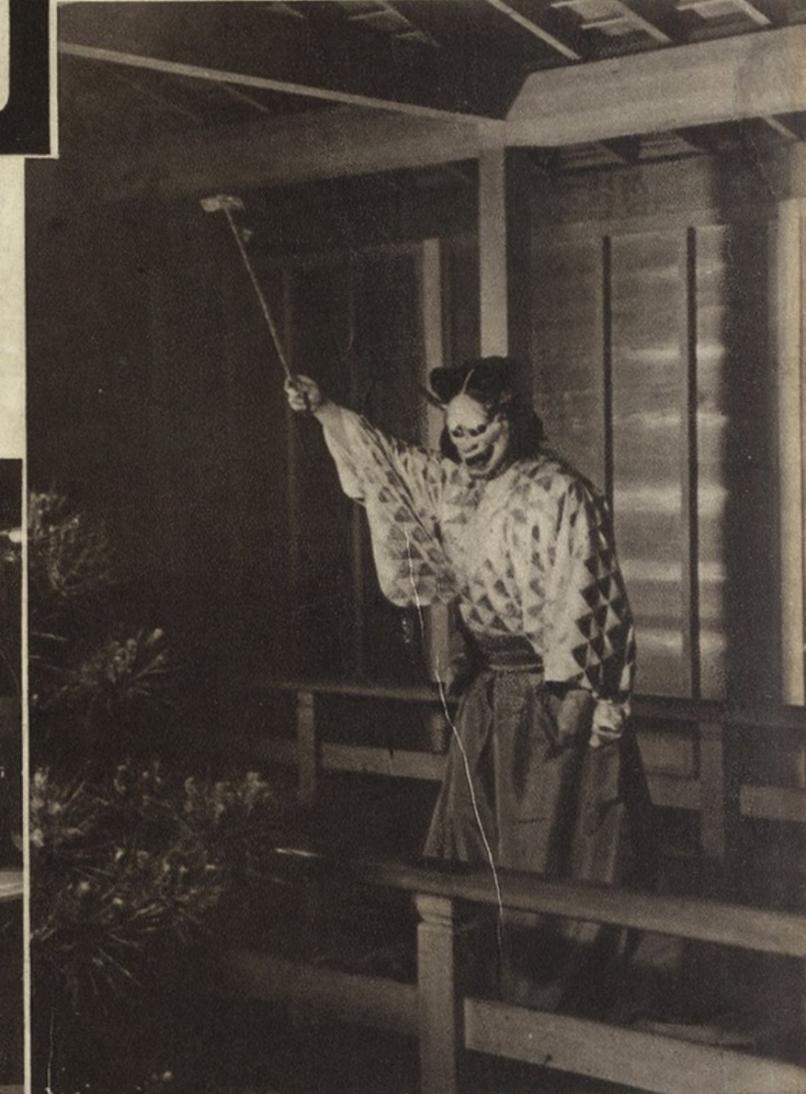
(Continua na página 30)



Um curioso edifício, com as suas inúmeras lanternas. Trata-se, provavelmente de algum templo



Uma cena de teatro. A representação é fria e artificial, e deve desenvolver-se através de um tema helcico



Este estranho personagem para nós ocidentais. Parece ser das figuras mais constantes do teatro nipônico

UMA RAPARIGA AO TELEFONE



Quando ela a altas horas da noite se lembra de falar com uma amiga sobre o último baile



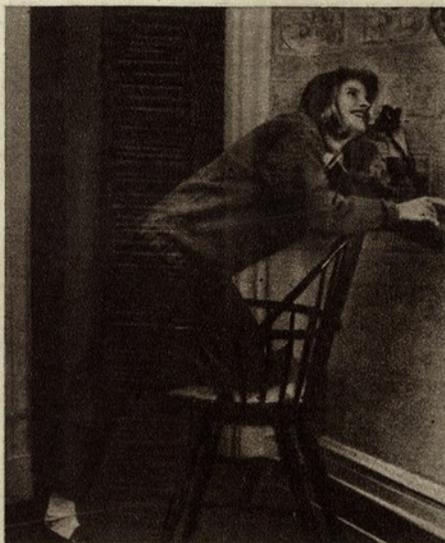
Está entusiasmada. Aproxima cada vez mais a boca do bocal para uma confidência...



...que seria indiscreto escutar! Segredos de amor, se não sonhos de uma rapariguinha de 18 anos!



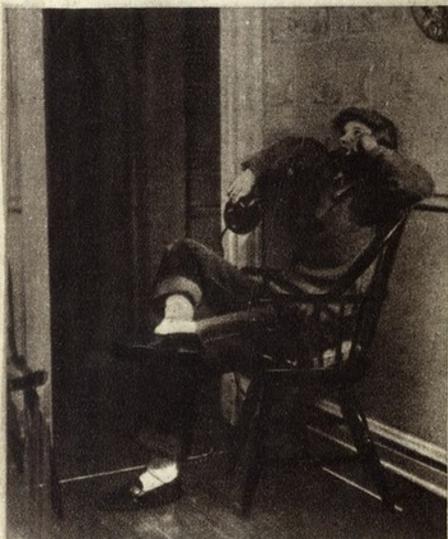
Quando julgamos que a conversa terminou, muda de posição, e recomeça...



Do outro lado da linha, deve ter surgido uma irmã da amiga que quer à viva força ouvir o que elas dizem...



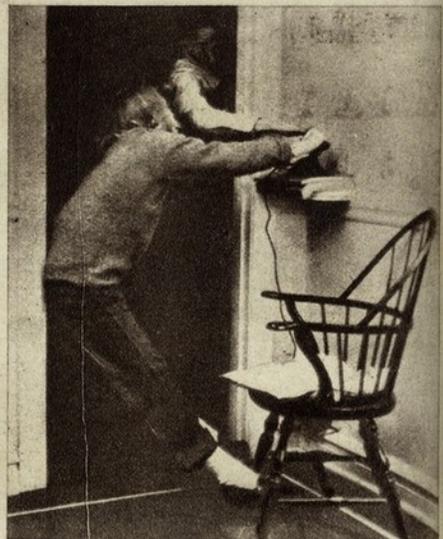
...mas desde o princípio, sem a mínima omissão. É curiosa a outra menina!



Agora, ela que esteve sempre a falar, dispõe-se a ouvir: «É verdade! O que me dizes! Ela não teve coragem!»



Então quando acabas com isso? — diz a mãe. E ela para a interlocutora: podes falar à vontade, temos toda a noite por nós!



Até que, enfim, acabou! Mas é possível que ainda se lembre de alguma coisa esta noite e volte a telefonar à amiga

DO programa escolar do Liceu de Roosevelt, na cidade norte-americana de S. Francisco, faz parte um simúlacro de Conferência de Paz, em que participam todos os seus jovens alunos. Estimulado o seu interesse por assuntos mundiais, pelo facto de na sua cidade se haver reunido, na primavera de 1945, a Conferência da Organização Internacional das Nações Unidas, estes jovens tomam um sério interesse pelos problemas internacionais.

Na sua «Conferência» os estudantes, agindo como se fossem eles os delegados das Nações Unidas, adquirem uma valiosa bagagem para as suas futuras actividades como cidadãos responsáveis.

Tomam conhecimento dos grandes problemas, e, por vezes, descobrem aspectos curiosos. O que se procura, principalmente, é desenvolver a sua inteligência e familiarizá-los com os temas fundamentais do mundo de amanhã. Nestas «conferências» as soluções nem sempre são engenhosas, mas a sinceridade e a boa vontade fazem lei.

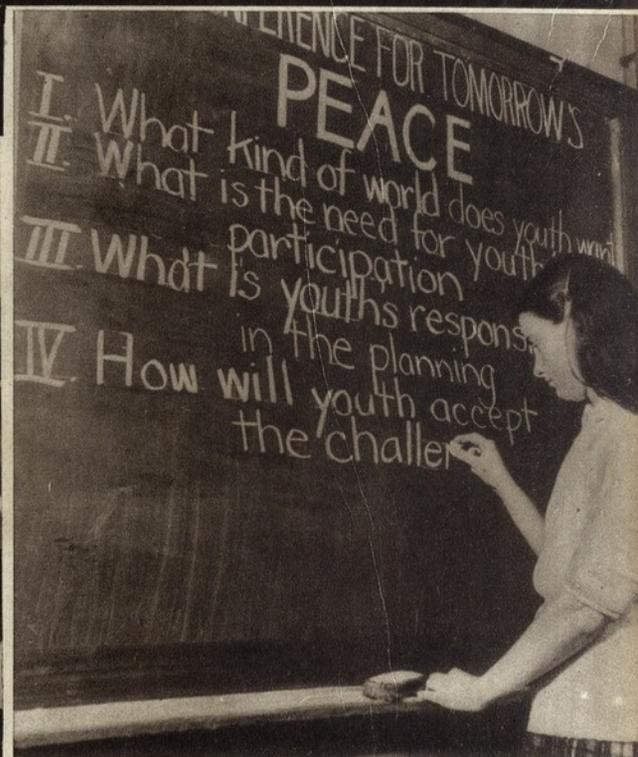


Fala o «delegado» da Grã-Bretanha. Os outros membros da Conferência parecem muito interessados com a afirmação que ele faz, por sinal bem documentada com maquetas

OS ESTUDANTES AMERICANOS NA CONFERÊNCIA DA PAZ



O orador deve ser bastante eloquente, a avaliar pela atitude da assistência, que não perde uma só das suas palavras



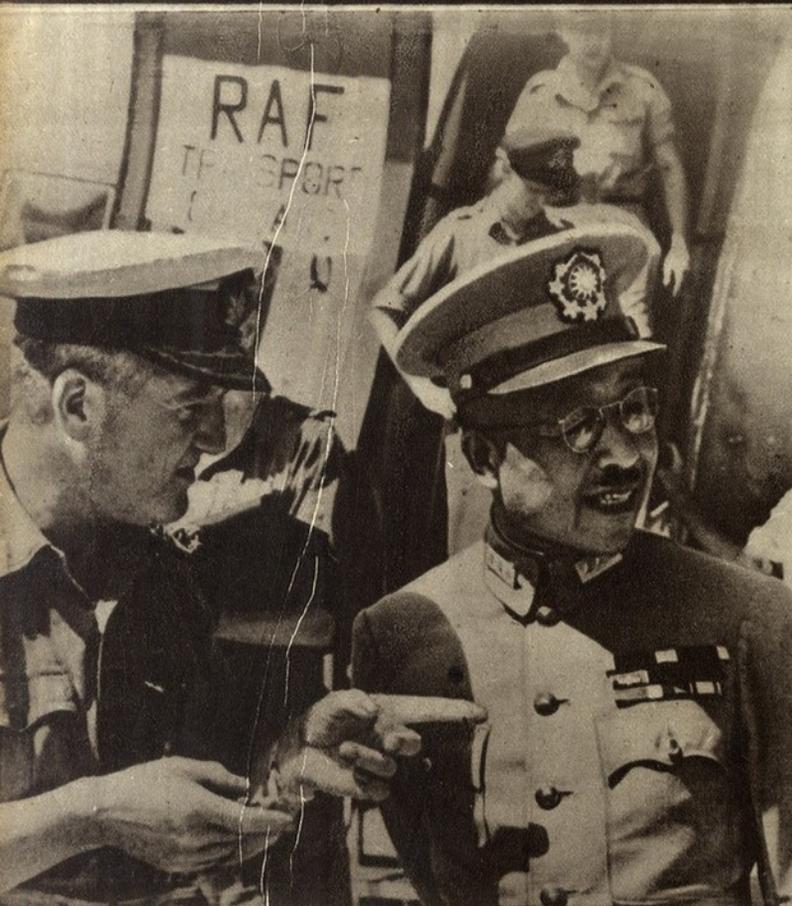
Uma delegada à Conferência. Os principais assuntos que serão discutidos na sessão

UMA PARADA DE HERÓIS



Sempre humanos os ingleses. A criança é para eles um valor sagrado. Marinheiros britânicos em Singapura, dando de comer a pequerruchos holandeses, esfomeados pelos nipões

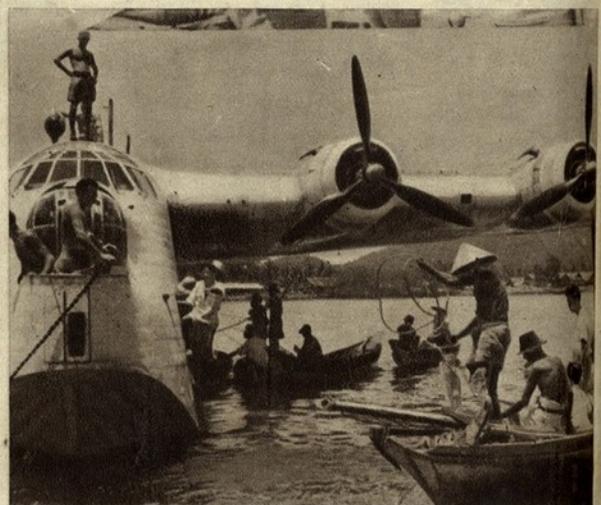
FRASER EM CHUNG-KING



O almirante sir Fraser, que tão importante papel desempenhou nos mares do Oriente, foi recebido festivamente em Chung King. Ele-lo conversando com o general Shang



Uma revista, em Bruxelas, a uma das unidades que mais se distinguiram na rendição da Bélgica



A R. A. F., que conquistou o mais belo título de glória na guerra da Europa, influiu decisivamente na libertação de Burma. Indígenas carregando de refrescos um potente aparelho britânico



O dia da independência checa. Uma rapariga envergando um bizarro traje nacional, confraternisa com um sargento britânico

AVIADORES INGLÊSES
QUE SE BATERAM NO ORIENTE



Os heróicos aviadores da R. A. F. que se bateram contra os japoneses, voltam pátria ostentando os seus trofeus

A OCUPAÇÃO DO JAPÃO

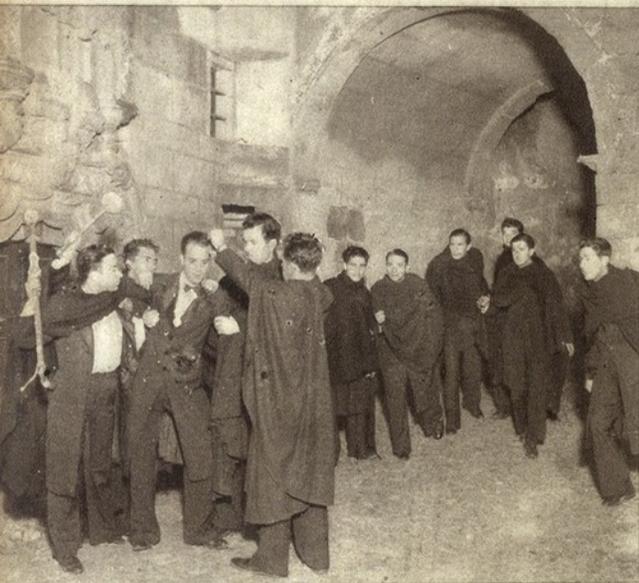


Em Yokosuta, Japão. Marinheiros britânicos, num bizarro acampamento



Crianças inglesas de Xangai, a bordo do navio de guerra «Hornet», admirando um escafandro

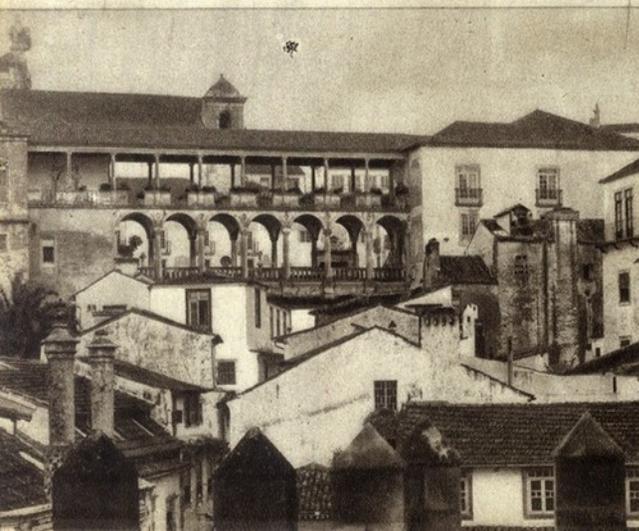
DE CAPA E BATINA



Estudantes reunidos num dos mais poéticos lugares de Coimbra



O julgamento de um caloiro numa «república» de estudantes



COIMBRA não é apenas a terra dos doutores, como é de velho costume dizer-se. É também terra de idéias, de renovação, de pensamentos generosos e de justos clamores da mocidade.

Dos que traíram a nobre tradição coimbrã não vale falar. Dêesses, poucos, felizmente, nada ficará a não serem certas manhas já muito conhecidas. O que fica, o que perdura o que não morre é o espírito evolutivo da gente moça.

A Lusa Atenas nunca esqueceu os momentos em que se torna necessário proclamar os seus sentimentos generosos e

patrióticos. E também não perde aquele «humour» que torna por vezes falíveis os indivíduos e os sucessos pretensamente solenes, graves. Um dito, uma atitude, um gesto, são, em tantos casos, mais demolidores do que um inflamado discurso iconoclastico.

Quantas representações os rapazes de Coimbra têm felto ruir apenas com um dito? Quantas coisas sérias eles têm tornado visíveis? Nem muitos livros seriam demais para relatar a história oral da vida dos escolares do mais tradicional e respeitado estabelecimento científico do país.



A Sé-Velha de Coimbra. Um pormenor sóbrio da sua bela arquitectura
Um aspecto parcial de Coimbra em que se vê, ao fundo, o museu Machado de Castro



A janela da «república» do Califado, habitada por estudantes que não são da simpatia dos califas

Não estamos, porém, aqui a fazer história, aliás, ela em grande parte já corre impressa em algumas dezenas de livros.

O que, contudo, a Universidade nunca esqueceu foi a seção nobre de tantos dos seus mestres que insuflaram no espírito de muitas gerações o sentimento dignificador da liberdade.

Nunca Coimbra deixou de relembrar os seus poetas, os seus oradores, os seus idealistas. E dizem os que passaram por Coimbra que não é fácil esquecer os bons exemplos dos mestres que lhes ensinaram a ser livres. E tantos nomes ainda hoje são recordados enternecidamente.

Muitos que há tanto já se foram, outros que felizmente ainda existem: poetas como esse eternamente moço Carlos Amaro; o generoso idealista já expor o seu sonho de bondade e de humanidade no brilho da palavra, José Eugénio Dias Ferreira, o Zé Eugénio da greve, condenador de vários costumes mediáveis, e tantos outros.

(Continua na página 30)



Poetas de hoje evocam, talvez, no som saúdoso das guitarras o verso dos poetas que há muito passaram por Coimbra



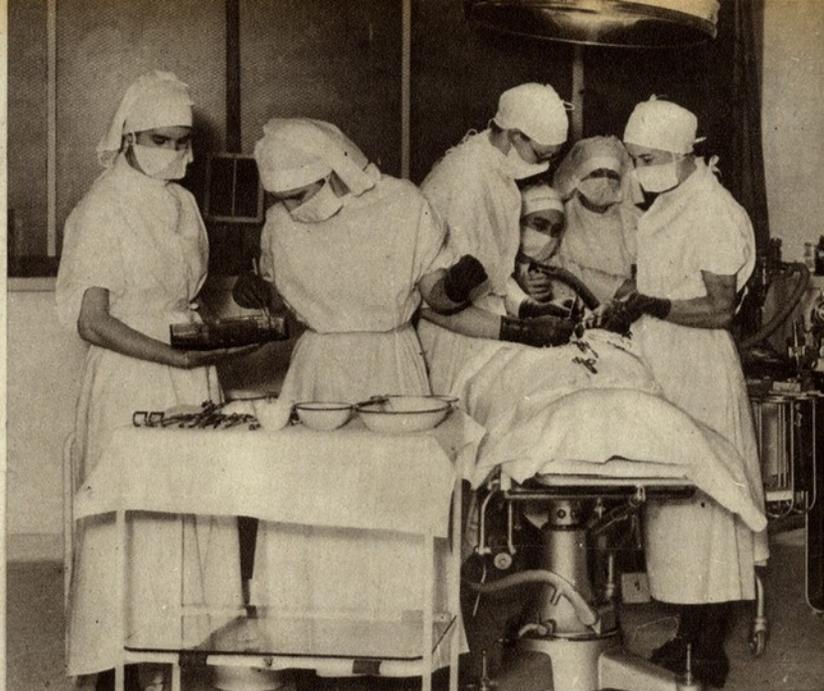
Uma conspiração? Nada disse. Não tenham medo. É tão somente um grupo de estudantes falando dos temas da próxima lição



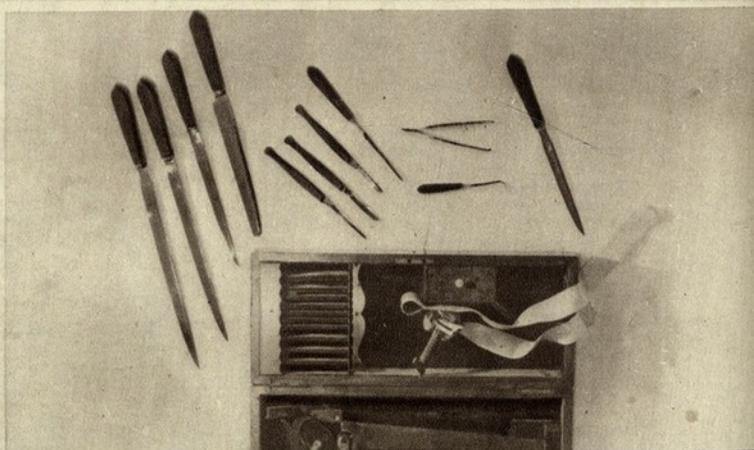
Uma serenata num recanto romântico da Lusa Atenas

COMO SE FAZEM OS INSTRUMENTOS CIRÚRGICOS

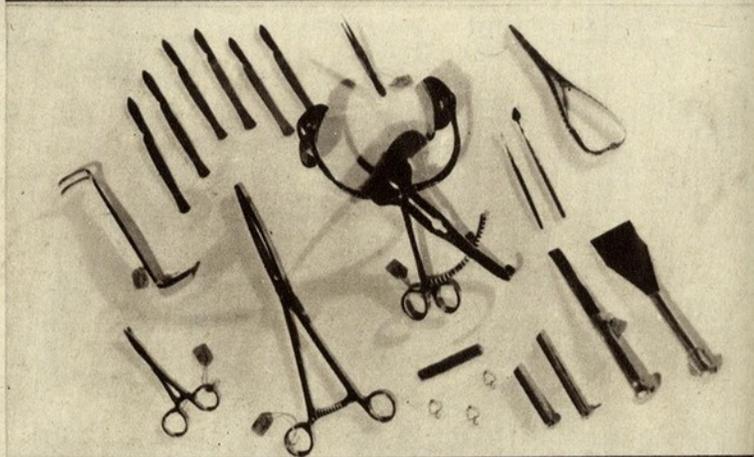
Empregam-se os instrumentos na sala de operações →



Uma das ilustrações de um livro de medicina publicado em Londres, em 1639. Representa um instrumento, com todas as suas partes componentes, usado para conter um pó cáustico. O instrumento completo é o segundo da direita



Um jogo completo de instrumentos para amputações, fabricados por um artífice londrino para um cirurgião muito na moda por volta de 1800



Alguns produtos típicos do fabricante de instrumentos cirúrgicos: escópios, pinças, tesouras, afastadores, bisturis e agulhas



Os aprendizes assistem a uma aula sobre o uso dos instrumentos que fabricam

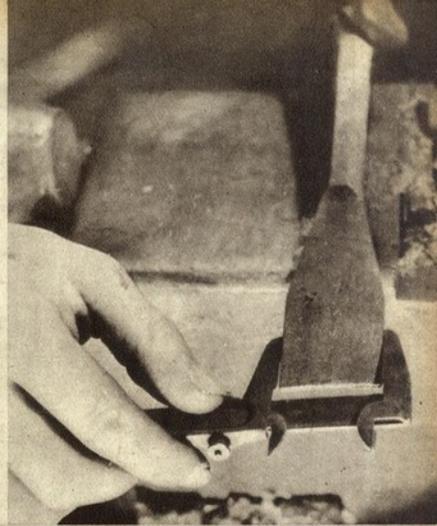
HÁ muito que a Grã-Bretanha mantém alta reputação pelo fabrico e desenho de instrumentos cirúrgicos. Os desenhos, que figuram numa das fotografias publicadas, foram extraídos de um velho livro de medicina, publicado em Londres em 1639. Este instrumento, que está representado com todas as suas partes separadas, utilizava-se para conter pós corrosivos tais como vitriolo, precipitado calcinado de alumínio e outros medicamentos cáusticos semelhantes que, quando convenientemente usados, são muito eficazes na cura... e foi construído por John Watson, um fabricante de instrumentos cirúrgicos que exercia o seu



Forjando instrumentos cirúrgicos



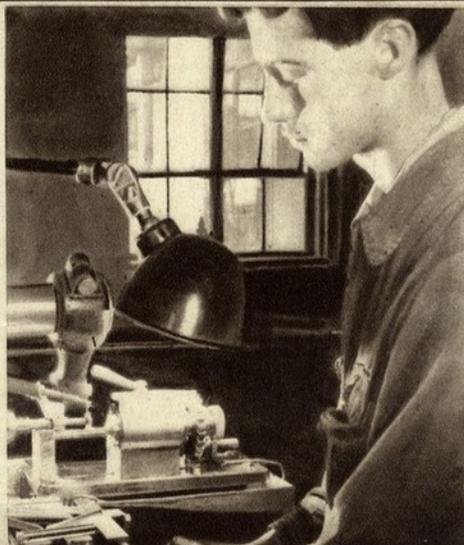
Há trinta e três anos que este operário lima instrumentos cirúrgicos



Os escopros são forjados, à mão. O operário verifica a largura de um desses instrumentos para ossos



Uma oficina de instrumentos cirúrgicos



Este operário fabrica acessórios para operações de ossos



Estes operários estão a polir instrumentos não cortantes

mester convenientemente instalado à porta de um hospital de Londres.

Ainda hoje o fabricante de instrumentos cirúrgicos se mantém em contacto muito íntimo com a melhor cirurgia moderna. Os instrumentos são fabricados individualmente para determinadas cirurgias e o mesmo instrumento fabrica-se com uma variedade de formas para se adaptar às variações da mesma operação. Isto quer dizer que são fabricados em pequenas quantidades e são todos feitos à mão.

Os homens que constroem estes instrumentos cirúrgicos são artífices no sentido verdadeiro da palavra. Não é raro que eles próprios sugiram melhoramentos no trabalho que estão a executar e tanto o fabricante como o cirurgião tem contribuído para o desenho de novos instrumentos, especialmente, dos mais recentes que começaram a utilizar-se durante a guerra.

A maior parte dos ramos do fabrico de instrumentos cirúrgicos é uma indústria que exige muita perícia e, portanto, um longo aprendizado, que é de sete anos. Os aprendizes têm aulas nocturnas sobre o emprego dos instrumentos que fabricam. Estas lições são dadas, geralmente, pelo director da firma.

Os instrumentos cirúrgicos britânicos são fabricados do mais fino aço de crisol. Excepto no caso de instrumentos de gume, emprega-se geralmente o aço inoxidável. Muitos desses instrumentos, tais como as pinças, são forjados à mão. Os escopros para ossos são forjados quatro processos, em aço fundido.

(Continua na página 28)



Afiam-se ao rebôlo facas para amputações



Afia-se a ponta de um instrumento para operações dos olhos

A TESTEMUNHA MUDA

O direito dos eleitores

(Continuação da página 15)

são fechadas e seladas e guardadas à vista durante toda a votação. Não poderiam ser abertas ou retiradas da Assembleia, fosse por que fosse, durante a votação.

As preciosas listas eleitorais são entregues aos eleitores com meticoloso cuidado. Um eleitor entra na Assembleia e é dirigido pelo polícia de serviço para a mesa da presidência onde o presidente ou o encarregado da votação lhe pergunta o nome e verifica se figura no caderno eleitoral, grita em voz alta o número do eleitor, a inicial da assembleia, nome e profissão do eleitor e dá baixa dêle no caderno eleitoral. Enquanto isto se faz o eleitor recebe uma lista, depois destes pormenores terem sido registados no talão da mesma.

O eleitor marca em segredo a sua lista e dobra-a de maneira a não se poder ver a sua escolha, mas tem que a meter na urna à vista do presidente, o qual, durante todo o dia, só pode permitir que entrem na assembleia os escrutinadores (que têm de provar a sua identidade), o polícia de serviço, os candidatos e os eleitores. Em qualquer caso a urna é sacrossanta.

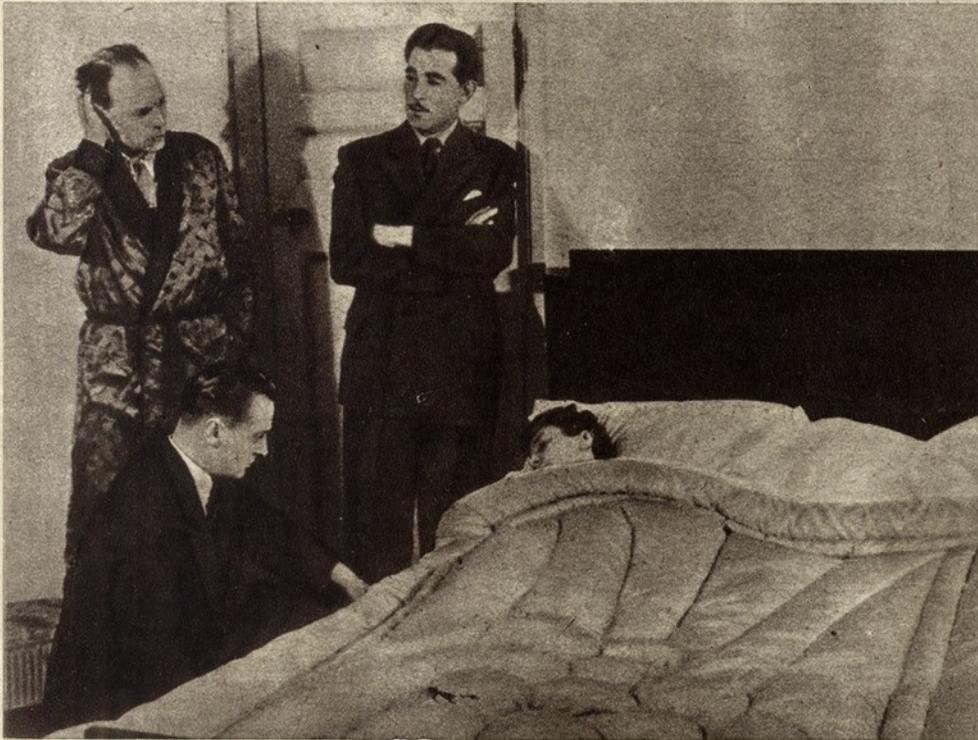
E que acontece se alguém afirma ter perdido ou estragado uma lista? O eleitor não recebe outra sem que a primitiva se encontre e se prove estar inutilizável e, no caso de se estragar a lista, tem que ser devolvida em troca de outra. Guardam-se todas as listas inutilizadas pois há que dar conta de toda e qualquer lista que saia das mãos do presidente da Assembleia eleitoral.

Terminada a votação o presidente faz sair da Assembleia toda a gente excepto os escrutinadores, os policiaes e os agentes eleitorais em cuja presença as urnas são seladas para evitar que nelas se possam introduzir mais listas. Em seguida são empacotadas com todo o cuidado as coisas todas que tem de ser devolvidas ao fiscal: a urna e respectiva chave, as listas não utilizadas, os talões das listas utilizadas, o caderno eleitoral em que se deram baixa dos votos e, em especial, a conta das listas, isto é o documento em que figura o número das listas entregues aos eleitores, o número das restantes e o número das que foram utilizadas.

Da Câmara Municipal saíram depois os oito camiões que, segundo um plano pre-estabelecido, passaram por todas as assembleias eleitorais para recolher os funcionários eleitorais, as urnas e os restantes apetrechos precisos para as eleições. Cada um destes camiões levou uma escolta de policia.

A porta da Câmara Municipal estava uma guarda de policia. Os camiões foram chegando um a um e foram descarregando o seu conteúdo precioso. As urnas ficaram depositadas nas lajes até o sr. Musker verificar que tinham chegado todas. Foram então

(Continua na página 49)



UMA chamada urgente levou o inspector Holmes e o Dr. Scott a casa de Meyer Daniel. Eram duas horas da madrugada. Trudy Daniel fôra encontrada morta. A causa fôra, como se verificou, uma injeção sub-cutânea de morfina. Enquanto o médico legista examinava o cadáver, o inspector ouviu o marido da vítima: — A minha mulher dormia profundamente quando eu vim para o quarto. Deitei-me ao seu lado e caí como uma pedra. Mais tarde, não sei porquê, acordei. Sentei-me, acendi a luz e olhei para ela. Tinha as faces congestionadas, cobertas de suor e respirava difficilmente. Vi a seringa na mão direita. Saltei da cama e corri ao telefone.



COMO resposta a uma pergunta formulada pelo inspector. Meyer declarou: — Sim. Julgo não desconhecer o motivo da sua acção. Ela sofria de uma doença muito perigosa e não havia meio de se convencer que se salva ia. Deve ter tirado a seringa e a morfina do meu laboratório. No entanto, apesar destas declarações, um simples facto convenceu o inspector de que se tratava de um crime.



O inspector encontrou uma pequena porção de morfina na seringa. As impressões digitais que se encontravam na seringa eram as da vítima. Averiguou ainda que Meyer era formado em medicina tendo-se contido dedicado simplesmente a trabalhos de investigação científica, principalmente aos estupefacientes.

QUAL FOI ELE?

Ver a solução na página 30



À esquerda: Elas são as mais graciosas da companhia. O seu sorriso vence o perigo da altura e domina a multidão. É assim, indiferentes à vertigem, que terminam o número mais audacioso dos seus exercícios no trapézio

À direita: O mais velhinho não chega a ter cinco anos. Ela, talvez quatro. Sobre a corda que têm debaixo dos seus pés pequeninos arriscam a vida todas as noites

Em baixo: Diz-se-is imponderável, que a barra do trapézio não existe. A sua beleza suspende-a e vence a gravidade



A GRANDE ATRACÇÃO

SÃO gerações sucessivas de artistas que começam no berço o seu contacto com o circo e dão as primeiras provas na arena. Mal se têm em pé, já dominam o medo da altura equilibrando-se sobre a cabeça do pai acrobata e habituam os olhos à luz forte dos projectores. A multidão não lhes mete medo. Sentiram muito cedo as suas reacções e já não podem passar sem elas. Depois a altura vai crescendo, crescendo sempre até chegarem ao mais alto da sua audácia, suspensa na fragilidade da barra de um trapézio que oscila ameaçadoramente, sobre um abismo de cabeças e emoção.

Assim se fazem gerações sucessivas de artistas que são disputados pelos empresários; assim o nome de Barnum, a cujo circo pertencem os pequenos acrobatas que ilustram esta página conquistou a fama nas grandes capitais do mundo.



MUNDO ANTIGO E MODERNO

Ele, o elefante gigantesco, que resiste aos séculos, é o mundo antigo. As duas graciosas raparigas dos S. A. do Exército inglês, são o mundo moderno. Na praça do Elefante, do Forte Vermelho, elas contemplam Delhí, na Índia milenária



Fotografia tirada de um ponto situado perto de Downing Street. Vê-se o Cenotáfio, monumento à memória dos mortos da guerra de 1914-18, e, por cima dos telhados das repartições públicas, a torre do «Big-Ben»



A CASA MAIS CONHECIDA EM TODO O MUNDO

DOWNING STREET, 10

CENTRO POLÍTICO DO IMPÉRIO BRITÂNICO

TODO o turista conhece a morada. É uma das primeiras na sua lista de peregrinações. É com respeito e certa agitação que antecipa ver esta residência lendária. Dobra a esquina, vindo de Whitehall, ladeado de palácios administrativos, passa pelo polícia, à entrada de Downing Street, dá alguns passos até ao n.º 10 e olha. O seu respeito some-se em espanto, perplexidade e desapontamento. Será possível que aquela casa desenhada de tejo lo, seja, na realidade, a residência do Primeiro Ministro da Grã-Bretanha, a casa onde se reúnem em conferência os ministros do Gabinete, o ponto de reunião dos condutores do mundo, onde se fizeram nações e se desfizeram inimigos, onde se escreveu a história com tinta indelével? Que país inconcebível este, onde o chefe do poder executivo mora em casa menos luxuosa que um lojista abastado!

O facto é que a tradição e o sentimento contam mais na Grã-Bretanha do que escadarias de mármore e pórticos sustentados por colunas. Ninguém se atreveria a deitar a baixo a casa de Downing Street, que tem o n.º 10, e construir no local um palácio. A história santificou esses tejos enegrecidos e não pode ser transplantada com tanta leviandade.

(Continua na página 29)



Nesta sala do n.º 10 de Downing Street tomaram-se resoluções que determinaram o destino das nações e o futuro da humanidade

Reis, presidentes, primeiros ministros, homens poderosos e homens do saber pisaram esta passadeira da casa modesta de Downing Street



A residência dos Primeiros Ministros da Grã-Bretanha e local onde se reúne o Gabinete

PÁGINA FEMININA

de AURORA JARDIM



Acha que o frio justifica a toilette?

Coleções

Seguem-se umas às outras, no país e fora d'ele. Em França, então, as cronistas de modas não têm mãos (ou antes passos) a medir: tão depressa estão na avenida Matignon, *chez Heim*, como vão para a rua de la Paix, onde *Paquin* as espera ou para casa da *Maggy Rouff*, nos Champs Elysées. (Bons tempos em que lá ia também... quando voltarão?...) Ora vejamos o que apresenta a *Laivin*:

— *Deux-pièces* vermelho. Nas costuras, discretamente, aparece um tom verde.

— Muito dourado, em bolsos, botões, alamares, correntes, franjas.

— *Jersey* com abundância no tom azálea ligado a charuto.

— Ainda o astracá. E também a raposa platinada em regatos que acompanham os vestidos de veludo.

— Os de tarde apresentam menos roda. Os de jantar são esguios, com fenda em baixo.

— Sobre os vestidos de baile, lindos *blousons pailletés*.

— O drapeado das ancas dá um laço à frente caindo em farto pano até ao chão.

Vamos, agora, até aos salões cinzentos, de *Molyneux*:

— Casacos compridos formando bolero sobre a própria saia que tem bastante roda. Uma banda-ombreira vai da cinta ao ombro e daí pelas costas, outra vez à cinta.

— *Tweed* cinzento em *tailleur*, com blusa côr de tília.

— Vestido-casaco reseda com bandas e bolsos em acolchoado.

— Com um vestido de lã preta, a graciosidade de um pequeno regalo de veludo, também preto, com duas rosas naturais.

— Regalo de penas de galo e chapéu igual.

— Vestido de tarde com cinco folhos a viés, sôbrepostos na saia.

Atrás, são mais em forma do que à frente, o que faz lembrar o *pouf*.

Longos mantos de veludo rôxo, branco, vermelho, acompanham os vestidos de noite. Alguns são guarnecidos a pele. Passa um casaco de *vison* e o silêncio cai na sala. Há muito tempo que as parisienses não viam tanto luxo junto...

Galinha desossada

Desosse uma galinha gorda e ponha-a a ferver em água.

Quando estiver cozida, frite-a em manteiga e banha. Junte caldo, sal, cebolinhas e arroz. Tempere com cominhos e alho.

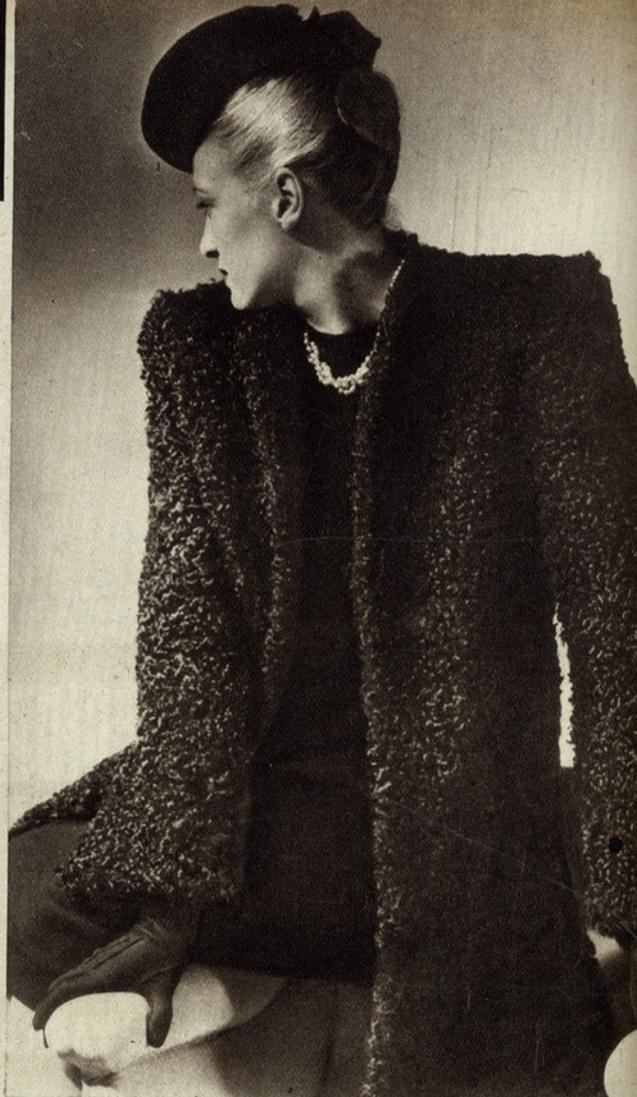
Deixe ferver.

Ao servir, desfaça, no mólho, uma gema com salsa picada.

Regras de etiqueta

— Não fale em segredo com uma pessoa estando outras presentes.

— Se o seu interlocutor deitar gafanhotos, ponha-se prudentemente a distância, mas com discreção.



Não sabemos bem se ela pretende mostrar a elegância do casaco ou o requinte do penteado. De qualquer maneira... elegância a toda a prova



Teodoro

Apresenta a mais rica coleção de peles importadas, directamente, dos países de origem a preços sem competência nos seus estabelecimentos

R. DO CARMO, 29-30

R. DA PALMA, 117-121

TELEFONE P. B. X.

2 0 7 8 4

L I S B O A

**BORDADOS
DE ALTA COSTURA**

INVERNO 1945/46

R. dos Sapateiros, 139-3.º D.º Telef. 23754

L I S B O A



DR. A. MARQUES DA SILVA

“A energia atômica e a sua utilização”

pelo Dr. A. Marques da Silva

NÃO cabe na competência científica do rascunhador destas linhas, um exame profundo sob o ponto de vista puramente de ciência acerca do trabalho do dr. A. Marques da Silva.

No entanto, mesmo para pessoas que estão um pouco distantes da assombrosa descoberta, um trabalho da natureza de «A energia atômica e a sua utilização», merece ser lido, estudado. Não apenas no seu aspecto científico — pois, repetimos, nem todos podem compreender a mais notável descoberta do século. Podem, no entanto, todos os estudiosos vislumbrar o que será o mundo futuro com o aproveitamento da energia atômica.

Já nos acostumamos a considerar a época decorrente da bomba atômica, que, decerto, será assinalada por notáveis manifestações do homem quando este tiver ao seu alcance as descobertas que, facilitando a sua vida, a tornarão menos penosa. Só assim a ciência poderá vir a ser um bem para a comunidade. E nós cremos que de tantos pesadelos, sofrimentos e ruínas, alguma coisa de humano tornará a vida mais fácil. Não importa, porém, quando.

O que será útil é a continua marcha do progresso. Queremos referir-nos tão somente, ao progresso humano.

Os homens mais dignos de admiração não são decerto aqueles que vivem na sua época, mas, sim, os que lutam e trabalham e estudam com os olhos postos no futuro.

Como refere o dr. A. Marques da Silva, também acreditamos que a libertação da energia atômica poderá ser princípio de uma nova era na história da Humanidade.

Por todos os títulos científicos e ainda pelo espírito humanista que a obra de A. Marques da Silva encerra, o livro do ilustre cientista é merecedor de leitura e de compreensivo estudo.

«A energia atômica e a sua utilização» não é um trabalho para raros apenas mas para toda a gente medianamente culta. É, pois, uma obra que, revelando da parte do seu autor notáveis conhecimentos científicos, é de interesse geral dada a clareza da sua exposição.

ONTEM E HOJE

por AUGUSTO RICARDO

ESCOLAS E ESCRITORES

ESCOLAS, cultores e propagadores de recentes maneiras literárias andam tão confundidos que, por vezes, nos parece difícil distinguir uma de outras. Queremos dizer: não é difícil encontrar em modernos escritores certos modos românticos já cansados, como fácil se nos torna verificar em esquecidos românticos nótulas vivas de realismo.

Isto de escolas nem sempre é de simples explicação, dado que elas surgem, em tantos casos, antes da consagração do tempo — fenómeno que tem entre outros defeitos o de julgar prematuramente o espírito criador dos artistas.

Seria infundável a enumeração dos conceitos artísticos desde o primitivismo até ao modernismo. Nunca, porém, essas designações-etiquetas foram aplicadas com justiça de harmonia com a estética divulgada. Viamos depois.

Em todos os tempos apareceram rebeldes e inconformados a impôr seus conceitos, pensamentos e irreverências de preza-doras daquilo que passou. Todavia, sem «aquelas coisas que passaram» nada seria possível hoje. Navegação do que há-de vir? De modo nenhum. Apenas fenómeno de continuidade.

O que actualmente se verifica, felizmente, é um desejo de ir além dos preceitos encanecidos pelo tempo. E ainda bem que assim suceda — embora o sentimento amplo da vida e do indivíduo não deva ser esquecido na formação moral do homem; pois este também deve possuir, além da compreensão estética da existência, o entendimento humano, dignificador. É velho dizer-se que a arte não tem moral. Talvez não seja bem assim. Visto que a moral da beleza não deve confundir-se com o erro consagrado pelo preconceito. Este nada tem com as aspirações da humanidade e mal vai à doutrina que pretende impô-lo.

Ora aqui está uma opinião de que muitos escritores hão-de desdenhar. Talvez porque confundam luta inglória com agradável oportunismo. Dai muitas celebrações nos parecerem falíveis.

Se não fosse irritantemente audaciosa a sentença poderíamos concluir que tantas coisas «modernas» já teriam provocado o estarcimento dos nossos avós dados à leitura dos seus antepassados.

Para ser actual torna-se, às vezes, imprescindível lembrar a amargura das horas sofridas e a angústia milenária da pobre humanidade.

Um estudo sobre

«Neo-Realismo»

de Jaime Brasil

NÃO é falando do cavador sem nunca o ter visto, sequer a podar, a lançar a semente à terra; nem descrevendo «imaginariamente» os dias de fome do camponês e a sua escravidão que se faz arte verdadeira e popular.

O aconchego morno de um convidativo gabinete de trabalho não nos parece ser o lugar mais indicado para «viver» as mágoas da gente do povo, quer o homem seja o escravo da terra, quer se torne um elemento humano submetido ao ritmo da máquina. Podem alguns desses livros populistas conter páginas de leitura agradáveis e serem louváveis as suas intenções. Faltam-lhes, contudo, a condição essencial para os tornar belos: a verdade, que é a maior beleza individual.

Estes descurados os comentários vêm a ponto de um notável trabalho agora publicado por Jaime Brasil. Nêlo o autor expõe brilhantemente o que deveria ser o romance na sua reportagem interpretativa. A demonstração parece-nos difícil de refutar. A não ser, claro, por alguns romancistas que, desdenham da profissão de repórter por ser coisa de somenos, praticada por obscuros escribas das gazetas.

Jaime Brasil, que é jornalista — e porque não dizer orgulhosamente, mestre de jornalismo? — contribuiu com este seu último estudo para o esclarecimento de um assunto que anda por aí tão adulterado.

“O doente da bôca,, e “Em véspera de dança,,

JOSÉ DE OLIVEIRA COSME reuniu em volume duas curiosas histórias há pouco radiodifundidas. O autor chama, e muito ajustadamente, às suas produções, de oportuníssimo comentário, «episódios humorísticos». Raras vezes o significado «humor» teve tão perfeita exposição.

Oliveira Cosme é, de facto, um escritor que reflecte nos seus trabalhos um espírito acessível que, sem ser banal, encerra a máxima do poeta ironista anotador dos ridiculos dos indivíduos e da vulnerabilidade de os feitos consagrados.

Nunca concordámos com atribuições dadas a obras literárias, mas, neste caso, somos obrigados a transigir a tal respeito.

O opúsculo de Oliveira Cosme é, com efeito, humorista: faz-nos sorrir com optimismo ao mesmo tempo que nos obriga a pensar no que há de grotesco em pretensas seriedades.

E emprestar um certo ar de crítica sorridente ao que parece consagrado, é ainda a melhor maneira de tornar risíveis os homens e os seus feitos.

Pelo menos era esta a opinião de Damócrito — que foi um gozador de outros tempos.



A China foi libertada, e as crianças da velha terra dos mandarins, nascidas ou criadas na livre América, festejam o histórico acontecimento

LICÇÃO

de GUEDES DE AMORIM

O dr. Sampaio dava a sua primeira lição de História naquele liceu. Tinha chegado dias antes. Não conhecia ainda mais ninguém do que o reitor, a dona da pensão onde estava instalado e dois colegas, seus comensais. Também, da cidade, velha de séculos, nada mais havia visto que a rua escura onde viera da estação à casa de hóspedes e o largo, com coreto ao meio e árvores à volta, que se abria diante do casarão do liceu. Mas, não lhe faziam falta passeios nem conversas. Atravessava uma fase triste da existência, dando maior preferência à solidão do que ao convívio e estimando mais o silêncio do que o público.

Dois anos atrás, sua mulher tinha morrido, ruidosa por um cancro e, meses depois, o seu único filho, afixado por uma angina terrível, seguiu o mesmo irremediável caminho. Ficava sózinho, sem coragem para continuar a tormentosa viagem da vida. Porém, amigos dedicados, vendo-o decair dia a dia e tornar-se, até, indifferente ao trabalho, fêz-lhe com o director geral e arranjaram-lhe uma transferência para aquela cidade silenciosa e afastada. Aceitara a boa e generosa conselheira dos amigos, mas sem confiança nem esperança no futuro.

Em pé, diante da secretária, agora, dirigia as primeiras palavras aos alunos, dizendo-lhes que esperava de todos, ali, um comportamento de amigos, aproveitando o melhor possível as aulas, e, sempre que necessitassem, recorressem a elle com a anticipada certeza de encontrarem um amigo mais velho. Falava arrastadamente, com fadiga. A sua voz, como o seu rosto, denunciava profundo sofrimento. Tirou os óculos e pôs-se a limpá-los. Os alunos, na sua natural levandade, sorriam da figura do novo professor, magro, curvado, e precocemente envelhecido, com qualquer coisa de espantoso. Quando elle voltou a pôr os óculos, readquirindo o seu aspecto de fúria doente, alguns rapazes trocaram olhares trônicos, uns com os outros, e um deles que se encontrava numa carteira lá do fundo, chamou a atenção do companheiro que estava sentado à sua beira para a gravura do jornal, que tinha aberto na sua frente, sobre os livros. Depois, em voz baixa, marcando com o dedo a gravura e fazendo uma inclinação de cabeça em sinal allusivo ao mestre, disse baixo:

— É pil! Parece mesmo o Lampeão! O outro olhou a gravura do jornal e, a seguir, a casa do dr. Sampaio. Realmente, a semelhança era impressionante entre o professor e o bandido sertanejo cujas façanhas, marcadas por roubos e ensopadas de sangue, alastravam através do jornalismo, por todo o mundo. Ritam-se os dois, passando depois o jornal aos colegas da frente. Dentro em pouco, a gazeta havia já corrido toda a sala, por entre o riso irreverente dos rapazes que faziam dessa descoberta de parentença um motivo de extraordinária satisfação.

O dr. Sampaio dava a sua lição e os alunos olhavam-no, mas sem atenção alguma. Sem de nada se aperceber, elle falava da fundação e da história de Roma na sua voz lenta e magoada. E, a certa altura, quando referia a razão e o alcance do rapto das Sibinas, saiu-se lá do canto o aluno que havia feito a cruel descoberta da semelhança, com este comentário:

— É tudo foi feito isto pelo Lampeão! Estoiro na sala uma gargalhada geral. O dr. Sampaio, assustado a principio, calou-se durante um instante, a ver se descobria o motivo de tão insolita manifestação de alegria, mas, no fundo, sem lhe dar muita importância. Estava, desde há muito, acostumado a desenfreada irreverência dos rapazes. Prosseguiu a lição. Os discípulos aquietaram-se, mas alguns deles, por muito tempo ainda, abafavam com a mão sobre a boca a ameaça de nova gargalhada.

No dia seguinte, e por mais de uma vez, repetiu-se a gracinha da vesperta, com aplauso ruidoso e colectivo. Então, o dr. Sampaio percebeu que faziam chacota dele, sem descobrir, porém, onde os rapazes queriam chegar. Durante a lição, sempre que elle alludia a uma época ou a um herói, o aluno gracioso da descoberta gritava:

— Foi o Lampeão! Isso succedeu no tempo do Lampeão! Já sabemos: esse chamava-se Lampeão!

Foi sempre aumentando, nas aulas seguintes, a impetinentemente algazarra. O dr. Sampaio não conseguia levar até ao fim as suas lições sem se ver forçado a pedir ou pelo menos a esperar, pacientemente, por silêncio. Interrompiam-no a todo e momento; citavam-lhe na cara, com o maior desocorro do mundo, o Lampeão, o famigerado Virgílio, em vez de nomes de imperadores, legisladores e generais. Como o bandido dominador do sertão brasileiro era então assunto preferido dos jornais, o mestre terminou por explicar de si para consigo, até certo ponto, a estrepitosa balburdia dos seus discípulos.

Uma noite, já no seu quarto, olhando o espelho, descobriu, porém, que era a elle, somente a elle que os irreverentes chamavam Lampeão. Ficou ainda mais triste e passou uma noite tormentosa. No coração voltou também a sentir frio, tristeza e uma ponta de medo. Os alunos vendo a sua passividade, foram aumentando a chacota, chegando a gritar-lhe, na rua, ao vê-lo passar:

— Olha o Lampeão! Adeus, ó Lampeão!

O professor ia para o liceu como quem vai para o supplicio. Na volta, fechava-se no seu quarto, e chorava frequente e abundantemente. Lembra-se da mulher e do filho, que tanta falta lhe faziam. Pouco comia. A dona da casa, boa alma, vendo-o sempre amargurado, como se pertinzes doença o minasse impiedosamente, desfazia-se em solicitudes para com elle, applicava-o, mas sem conseguir arrancá-lo à sua melancolia.

A doença do dr. Sampaio, muito para além da saúde dos seus, era outra: estava no liceu, entre os seus discípulos, que tão cruelmente e cobriam de ridiculo, encontrando-lhe semelhança com o cançaceiro nordestino, mas aos quais elle, bem do fundo da alma, não votava rancor nem queria mal absolutamente nenhum.

O dr. Sampaio, foi definhando cada vez mais. Certa manhã, ao entrarem na aula, os alunos encontraram o mestre já sentado à secretária. Isto não era costume. Mas, embora ficassem surpreendidos, nem por isso deixaram de atirar-lhe a já estafada piada:

Olha o Lampeão! Não faltou o Lampeão. Vamos ouvir o Lampeão! Era o cúmulo da troça e da falta de respeito. O dr. Sampaio tirou os olhos e limpou as lágrimas. Sofria como nunca! Pouco a pouco, foi-se restabelecendo o silêncio. O cotão dos rapazes deixava-se tecer ante aquele inesperado sofrimento do professor. Uma nuvem de inquietação e expectativa dominou a sala. Por fim, ouviu-se a voz magoada do dr. Sampaio:

— Hoje, a nossa lição de História vai ser um pouco da história da minha vida...

O silêncio dos rapazes manteve-se. Alguns corações estavam, mesmo, apertados de angústia. Que iria sair dali? O dr. Sampaio, na sua voz triste, lenta, que vinha lá do fundo de si mesmo, falou da mulher e do filho, realidades lindas da sua vida, cedo arrebatadas pela morte. Não sabia que se podia sofrer tanto. Foi depois dessas duas inolvidáveis tragédias, em que chorava noite e dia, durante meses seguidos, que começou a usar oculos.

E, terminou, assim: — Aqui têm, meus queridos alunos a história dos meus oculos. É uma história triste, não é assim?

Não lhe responderam. Muitos tinham agora lágrimas nos olhos. E daí a pouco quando sou a hora de terminar a aula, todos se levantaram respeitosamente, deixando sair o professor à sua frente, e dizendo-lhe, comovidos e tocados de arrependimento:

— Adeus, senhor doutor. Até amanhã, senhor doutor.

COMER É UMA ALEGRIA!



Desapareceu-me a indigestão

Escusa de continuar a ser esquisito com a comida desde que faça desaparecer o excesso de acidez das suas funções digestivas. As perturbações do estômago, são rapidamente eliminadas com a Magnésia Bisurada. Basta uma colherzinha de pó ou 2 a 4 comprimidos de Magnésia Bisurada para, neutralizando essa hiperacidez, acabar com os arrótos, sensação de peso e outros sofrimentos semelhantes e da mesma origem. Não é preciso sofrer.

DIGESTÃO ASSEGURADA COM **MAGNÉSIA BISURADA**

À venda em todas as farmácias, em pó ou comprimidos, a 15\$00 e 23\$00.

Intrumentos cirúrgicos

(Continuação da página 21)

Depois de forjados, os instrumentos são aliados à lima — o operário que se vê na fotografia n.º 6 tem estado a limar instrumentos cirúrgicos há 33 anos. Todavia, como alguns instrumentos são trabalhados à máquina em vez de serem forjados, o fabricante também possui uma oficina moderna.

Hoje, os cabos e as lâminas das facas de amputação são feitos de uma peça só, visto que os modernos instrumentos cirúrgicos se fabricam de maneira a evitar fendas e juntas onde se possam abrigar germes. É interessante notar o contraste entre as facas modernas que se vêem na fotografia n.º 11 e as que figuram na fotografia n.º 2, que foram fabricadas para um cirurgião que, por volta do ano de 1800, andava muito na moda. Essas facas têm elegantes cabos de ébano.

Os instrumentos para operações dos olhos exigem precisão especial. Experimentam-se pontas aguçadas e delicadas pousando-as ao de leve num tambor feito com a pele do feto de um cabrito. Se a ponta fura a pele sem a rasgar considera-se suficientemente aguçada. Estes ensaios constituem a fase final do processo laborioso e delicado de fabricar instrumentos cirúrgicos, trabalho de artifice de cuja perfeição depende muito a efficaçia da cirurgia moderna.

Quereis ganhar dinheiro?

ANUNCIAI NO **MUNDO GRÁFICO**

A MELHOR REVISTA DA ACTUALIDADE

DOWNING STREET, 10

(Continuação da página 25)

A origem de Downing Street, não foi brilhante. Deram-lhe o nome de Sir George Downing, um político oportunista do século XVII, que foi feito cavaleiro pelo seu amo o rei Carlos II e nomeado Ministro da Fazenda. Foi-lhe dada autorização para comprar uma parcela de terreno num bôco sem saída que desembocava em Whitehall, com a condição «da casa a construir sobre terreno situado tão perto do Palácio Real ser bela e elegante». Ele não construiu uma casa mas sim quatro, nenhuma das quais se podia comparar com o adjacente Palácio Real, em Whitehall, de proporções magestosas como se pode depreender da Sala de Banquetes, que é tudo quanto resta d'êla.

Alguns dos Primeiros Ministros não gostavam da casa para nela morar e serviam-se dela apenas durante as horas de serviço. Muitos dos mais célebres, porém, moraram nela, fazendo-lhe pequenas alterações para a adaptar às suas conveniências e deixando nela

De capa e batina

(Continuação da página 23)

Coimbra de «batalhões dos estudantes» que deliberadamente se formaram para defender a ideia da Democracia que perigava em determinado período da vida política da Nação.

E como principiámos este artigo, assim o concluiremos, visto a época não ser muito propícia à divulgação de termos de agradar ao povo.

Coimbra é, pois, terra de mocidade, de ideias e de pensamentos nobres e livres.

Nem de tal forma se compreenderia: — a Juventude sem o culto da liberdade não seria juventude — seria velhice.

A SOLUÇÃO DE FOTO-CRIME

QUANDO o inspector reparou que, do lado de Meyer, a roupa da cama estava entalada da cabeceira aos pés, teve a visão clara de que a frase saltou da cama e correu ao telefone era absolutamente falsa, e ainda mais, Meyer não se havia deitado naquela noite.

À queima roupa expôs-lhe a sua dedução e notou um certo olhar de receio no marido da vítima. No entanto, este, recuperando o sangue frio, continuou a negar terminantemente que tivesse praticado tal acção.

As investigações proseguiram de uma maneira habilidosa e, depois de aturados e apertados interrogatórios, Meyer acabou por confessar que quando casara com ele, anos antes, elaborara o plano de se desfazer da mulher para ficar com a fortuna.

traços das suas personalidades. William Pitt ali morou e o mesmo fez Canning, que foi célebre pelo papel que desempenhou na libertação da América Latina. Disraeli discutiu altos assuntos políticos durante os seus célebres jantares parlamentares e Gladstone presidiu de maneira semelhante aos seus almoços igualmente célebres das quintas-feiras.

Hoje, o n.º 10 de Downing Street e o n.º 11, que é residência oficial do Ministro das Finanças, são as duas únicas das velhas casas que ainda sobrevivem. Estão apertadas entre os grandes edifícios do «Foreign Office» e do «Tesouro».

Durante os últimos seis anos, foram testemunhas de mais cenas dramáticas do que em qualquer período do seu passado repleto de acontecimentos. Foi no n.º 10 que o Sr. Churchill elaborou os planos da derrota da Alemanha, enquanto as bombas alemãs lhe choviam em volta. Sentiu o choque das bombas que destruíram a Câmara dos Comuns. Viu o clarão do incêndio do Ministério das Finanças, a dois passos. Foi no n.º 10 que ele irradiou o seu desafio momentoso, ao inimigo, dizendo que, embora a França tivesse caído e a civilização vacilasse, todos os ingleses preferiam morrer a render-se.

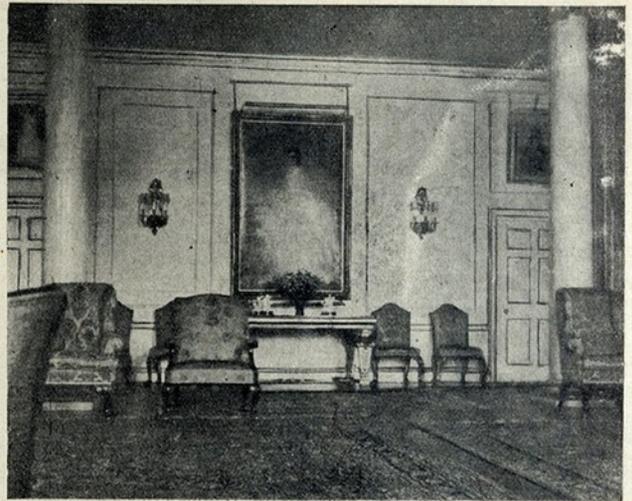
Não foi por falta de tentar que o inimigo deixou de acertar no n.º 10 de Downing Street com uma bomba que arrasasse o prédio. Se isso tivesse sucedido, a Grã-Bretanha continuaria ainda a combater e teria vencido na mesma.

A tradição é mais duradoira do que dignidades ou pessoas e é por isso que a enfarruscada casinha de Downing Street continuará a ser a residência dos Primeiros Ministros, seja qual fôr o partido que estiver no poder e, também, um símbolo tanto da força como das ideossincrazias da nação.

O direito dos eleitores

(Continuação da página 18)

Nas eleições dêste ano foi, necessariamente alterado o processo normal. Os eleitores colocados nos serviços armados estavam espalhados por todo o mundo e os transportes internacionais e postais são falíveis. Seria uma injustiça monstruosa que aos homens e mulheres dos Serviços Armados se negasse o voto fixando o limite de tempo demasiado arbitrário. Portanto, as cenas habituais — a animação do escrutínio e da contagem dos candidatos e dos seus agentes e a proclamação dos resultados à porta da Câmara Municipal, muitas vezes por volta da meia-noite — faltaram êste ano. Em tempos normais, o escrutínio, e contagem começam em quasi metade dos circuitos eleitorais, na própria noite,



Queira ter a bondade de se sentar! — A sala de recepção, cujo teto, sustentado por colunas é apolnelado de ouro.

logo que as urnas chegam todas à Câmara Municipal, e termina, habitualmente, antes da meia-noite. Em muitos circuitos eleitorais rurais não é possível fazer a contagem no mesmo dia, por estarem muito dispersas as assembleias e não poderem ser recolhidas as urnas senão tarde. Êste ano, a contagem efectuou-se no dia 25 de Julho e os resultados fôram proclamados no dia seguinte.

Na casa-forte da Câmara Municipal, as urnas foram conferidas e re-conferidas à medida que iam entrando e foram sendo colocadas aos quatro cantos da sala, correspondendo cada canto a um dos circuitos eleitorais Camberwell.

No dia da contagem, o Sr. Musker quebrou os selos na presença dos candidatos e dos agentes e fez-se a contagem. É possível que tenha rejeitado alguns votos, embora as listas fôssem cuidadosamente conservadas, ou porque o eleitor tivesse dado a conhecer a sua identidade, ou porque não houvesse marca oficial na lista, ou porque o eleitor tivesse colocado uma cruz em frente do nome de mais de um candidato ou ainda, como acontece por vezes, a lista não tenha indicação de voto mas apenas uma graça ou uma obscenidade rabisçada no seu lugar.

Como de costume, conferiram-se as listas para verificar que não faltou nenhuma. Todos estes pormenores ficam registados em relatório a enviar ao funcionário da Corôa no Supremo Tribunal de Justiça, documento êste de que os agentes podem copiar o que quiserem.

No fim de tudo, listas, talões, urnas, cadernos eleitorais, contos, listas inutilizadas, outros documentos, enfim tudo quanto diga respeito à eleição é enviado ao funcionário da Corôa no Supremo Tribunal de Justiça, que os conserva durante um ano e destrõe em seguida a não ser que receba ordem em contrário da Câmara dos Comuns ou do Supremo Tribunal de Justiça.

Êle e só êle pode descobrir em quem votou o Sr. Brown — procurando o número dêste no caderno eleitoral e descobrindo o talão da lista que lhe foi entregue, onde, depois de a encontrar, verá em quem votou o Sr. Brown. Isto não se faz a não ser que o Sr. Brown entenda que o seu voto não foi registado. Nêsse caso, poderia provar-se, com imenso trabalho que o seu voto tinha sido dado ao eleitor que êle escolheu.

EXCESSO DE ACIDO

NEUTRALIZADO POR RENNIE

Está mal se o seu estomago segregá demastado ácido. Sobee-lhe à garganta, dá-lhe mau gosto de boca, dá-lhe a sensação de queimadura e produz lie cores no peito e nas costas.

Ha, porem, um bom remedio para acabar com o acido do estomago. Tome duas pastilhas Rennie. Chupe as como caramelos, ambas ao mesmo tempo. Rapidamente sentirá alivios. Rennie contém anti-acidos que neutralizam a acidez, absoerentes que reduzem os gazes e fermentos que activam a digestão. Rennie entra imediatamente em acção, pois chega ao estomago com toda a sua força que não é diluida pela agua.

Todas as farmacias vendem Pastilhas Rennie. Compre algumas ainda hoje.

TINHAM o estabelecimento na mesma rua. O do Valentim logo ao principio, a primeira casa à esquerda quando se entra pela Praça da República. O do Maurício ao fim da rua, a última casa à direita que faz esquina com o prédio do doutor Faustino e fica quasi em frente da loja de fazendas do senhor Raimundo.

O Valentim e o Maurício são homens da mesma idade, cincoenta anos mais ou menos, e montaram as tabernas na mesma altura. O Valentim toda a gente sabe: é uma pessoa gorda, baixa e delicada. O Maurício, nem gordo nem magro, nariz de papagaio por baixo duns olhos ramelicas, é um maldizente.

O Fradique e o Alfredo são amigos e compadres. Fazem parte do grupo excursionista «Os Fixes» que tem a sua sede na taberna do Valentim, na casa de dentro, dedicada exclusivamente aos fregueses mais assíduos. O Rata, o Alcides e o Calado, fazem parte do grupo «Os Rebimbas» que tem sede na taberna do Maurício e engloba, entre outros, o próprio dono do estabelecimento.

A principio, os dois comerciantes falavam-se. Nados e criados na vila, condiscipulos na instrução primária, parcelos no arrendamento de ferragias, não tinham razão de queixa um do outro.

Um belo dia, com o dinheiro, que o trigo deixou, pensaram numa maluqueira: «montar negócio de vinhos.»

O Maurício, então, foi o primeiro a decidir-se. Na vila só o café do Lopes e a tasca do Concelção. Alugou o celeiro do velho Lampreia, fez compartimentos de tijolo, balcão de madeira, mesas de madeira, calou paredes, bruniu prateleiras e pôs vidros foscados nas portas de molas de entrada. A sua especialidade era o «Cartaxo». O Valentim, só passado um mês é que levou a cabo obras no seu próprio prédio. Metucioso, arranjou tudo nas devidas condições. Pôs o tempo do balcão em pedra mármore, mesas de ferro, chão de cimento e nas paredes artisticos azulejos azuis. Cá fora, por cima da porta mandou pintar: «Vinhos e petiscos. Habilitado.»

O Maurício, quando viu a grandeza, ficou vulo:

— S. Jacinto é vila pobre e modesta. Veste de Saragoça de inverno e de cotim de verão. Mas certas pessoas julgam que isto cá é o Brasil...

O outro soube da piada e nem tugi. Agora os fregueses de cada lado é que se cumprimentavam com afectada cerimónia e olhares de viés, como quem tem velhas rixas a ajustar.

O Rata, dentre todos, era o mais barulheiro:

— De vaidades tá o mundo farto! — dizia. — Onde se viu cagança daquelas! Balcão à lisboeta, propaganda nas frontarias...!

Na primavera, aos domingos, o Fradique, o Alfredo e o Cristóvão jogavam ao chito na cerca do Valentim em alegre comprado. Mandavam vir vinho, pirolitos e pastels de bacalhau para entreter a tarde. O Maurício soube e protestou.

INIMIGOS

Novela de ANTUNES DA SILVA

Chito... Como não tinha quintal o outro fazia-lhe a parte... Bem. Era certo. Aquilo rebaixava-o.

Um dia foi-se à livraria do Mendes e pediu uma carta. Vai, senta-se no balcão, põe os óculos de tartaruga e escreve os gatafunhos ao primo da capital. Chega-se o Rata a mastigar a última côdea do almôço. O dono da casa, ao vê-lo, fechou a carta e predisse: — O amigo quer apostar em como o Valentim se há-de morder todo? Aquela do chito, não viu? para rebaixar um homem! Só morto!... — E chegando mais a boca para o ouvido do freguês: — Vou dar uma surpresa a vocês todos! Uma coisa única, nunca vista, mesmo formidável!

O Rata quis saber. O Maurício ergueu os dois braços e com um suspiro fundo sentenciou:

— E', segrêdo por enquanto...

Não foi preciso mais. O Rata no fábrica, foi porta-voz das queixas do taberneiro:

— Aquela do chito é indecente. Não só rebaixa uma criatura do mesmo officio, como rebaixa a gente... — E olhando a porta do armazém da cortiça onde se encontrava o Fradique e os outros, concluiu, elevando a voz:

— Mas deixem. Cá se fazem, cá se pagam!...

Depois, tôdas as noites, quando se sentava no banco apanhar o fresco, insinuava sempre ao Maurício:

— Pois sim, senhores! E essa surpresa, patrão?...

— Já não demora muito... — dizia o outro de sorriso misterioso.

Uma tarde o Alcides entra a beber um copo de vinho e vê o carro de mão de um moço de fretes com um grande caixote em cima. O taberneiro risonho, nervoso. Vai, o Alcides fica-se suspenso, as mãos nos quadris, olhar emocionado. Corre à fábrica e vai dizer ao Rata, em frente de uma casa de homens:

— Chegou a surpresa do Maurício!

O outro ergueu-se de um pulo da cadeira de palha. Olhou, indagou e sentou-se de novo, pensativo um traço de sorriso nos lábios. Quando a sirena da fábrica tocou à saída, o Rata pôs-se em frente do portão e foi chamando: — «Alcides! Calado! Serpa! Malveiro!...»

Combinaram-se:

— Esta noite é um acontecimento! Seja o que for, a surpresa que o Maurício nos quer dar é uma vitória para êle e para a nossa «classe»! Hoje às sete sem falta, somos homens! anhi! Combinado?

— Combinado! — responderam todos.

Foram. Muito antes da hora indicada entraram, sorrateiros, a esquadrihar os cantos

da casa de fora e nem vestígios de coisa nova. Olharam para o Maurício e o maganão com um sorriso jovial na cara. Eles, entre emocionados e duvidosos. O Maurício rindo sempre, não se susteve por mais tempo. Pegou no braço do Rata e guiou-o para outro compartimento. Atrás das prateleiras estava um lençol a tapar um móvel. Estacaram todos, silenciosos. O Rata, devagarinho, como quem receia praticar uma herezia, vai erguendo um lençol, os olhos muito abertos. O Alcides, impaciente, engulindo em seco. O Malveiro feito basbaque. E o Rata erguendo o lençol devagarinho, com cuidado. De repente, aparição:

«Uma laranginha!»

Os homens fizeram peito deixando sair um ah de satisfação. Abraços. Copos à saúde. Como lembrança pelo dia fundaram o já citado grupo dos «Rebimbas». Cotas mensais de cinco escudos. Passeios ao Guadiana no verão, pescarias à ribeira do Papagalos.

«Uma laranginha!»

— E o valdoso do Valentim, agora!... — puxava o Maurício, a provocar conversa. Vieram para a rua. Almas cheias de fel, corações radiantes. Lá em cima a Fradique, o Alfredo, a Cristóvão.

— Cá canta-se assim!... — rompeu o Rata num grito desabalado.

Os outros ouviram e ficaram-se. Só o Alfredo dirigiu a voz para dentro:

— Isto é uma provocação!

O Cristóvão, que era pacifista, remoeu:

— Todos nos podíamos dar tão bem! A vida, a vida...

Mas o Alfredo continuava:

— Isto é uma provocação. Nós não somos nenhuns gaia-tos!...

Do fundo da loja o cicio do Valentim:

— Deixem! E' por pouco tempo!

Os fregueses levantaram-se, ansiosos e quiseram saber. O Valentim manteve reserva apesar da teimosia do Fradique.

Lá em baixo as vozes avinhadas dos provocadores.

— Balcão à lisboeta, propaganda nas frontarias. Ora toma-te! Ah! Ah! Ah!...

— Isto é uma grande provocação! — repetia o Alfredo colérico.

— Vão ao chito! Ah! Ah! Ah! Ah!... — E mostravam à rua cheia de curiosos, os tacos novos da laranginha.

O Fradique foi crescendo para a porta, mãos nas algebeiras, alma desabrida. O Valentim chamou-o:

— Oh mestre!

Nada. O Alfredo, nervoso como era, ainda teve ânimo para o dissuadir:

— Compadre, atão!...

O homem, olhos na calçada, passo pesado, ia andando. Ao meio da rua estaca. Olha por

momentos as portas cheias de gente depois atrá, numa voz rolada:

— Se são homens venham todos!

Responderam-lhe gargalhadas. E o Fradique, calmo e valente, foi crescendo para o fundo da rua, as mãos nas algebeiras, centelhas nos olhos. Vai, ouve um ruído. De cima a voz grossa do Valentim.

— A nossa surpresa, mestre!

Voltou-se. Os outros, lá em baixo, tacos suspensos, os rostos aparvoados. Nas janelas, meninas recosas olhando o desafio.

Um ruído na adega do Valentim. Música de rabeca. O Fradique abre mais a boca, abre mais os olhos e deixa escapar uma gargalhada medonha. Os outros quietos, aparvoados. O Cristóvão, sempre a remoer na paz entre os homens:

— Todos nos podíamos dar bem. Assim...

O Maurício, compreendendo a derrota, caiu em cima dum banco, amarrado. Depois cresce com um pau contra os vultos que sobem o empedrado, E lá em cima esperava-o a surpresa do Valentim:

«uma telefonía!»

É noite. A música da rabeca sai da taberna, cresce no ar e enche de heroísmo o peito dos homens leais de S. Jacinto.

«Uma telefonía!»

Agora, sim. Nada há que possa estancar a explosão de tanto ódio. O Maurício sobe a correr a ladeirinha da rua e vem à porta do inimigo desafiá-lhe a reputação:

A roubar, a roubar é que você arranjou isso! — e apontava a loja, a telefonía, o prédio, a cuspinhar para os lados.

O outro adianta-se, pálido, trémulo:

— Diga, diga, seu pulha!

Olhos nos olhos, os mesmos desejos dispersos por corpos diferentes. Veio a guarda a cavalo apaziguar ânimos tão exaltados.

E nessa noite houve alguém que ouviu o Maurício chorar como uma criancinha de mama rogando ásperas pragas à vida honrada do Valentim.

Como êles e elas são

(Continuação da página 13)

ponesa pode, de certa maneira, considerar-se uma flor, vivendo na jaula de um tigre — que inglês e americanos agora prostraram numa guerra tão árdua, como valorosa.

A's mousmês e guetschas, das casinhas do chá, no meio dos abêtos das montanhas, compete dulcificar a aspereza do clima masculino do Japão.

Os crimes dos nipões não se apagarão tão cedo da memória dos homens civilizados. O ataque a Pearl-Harbour, os tremendos atentados em Hong-Kong, Singapura, Java, Filipinas estão sendo examinados pelos tribunais e os seus autores terão o castigo que merecem. Nós, portugueses, também sofremos. E já agora vem a talho de foice dizer que a legação do Japão em Lisboa foi entregue aos representantes ingleses, americanos e chineses.

Um dos programas mais populares da B. B. C. é o chamado "Brains Trust", em que autores, filósofos, cientistas, médicos, economistas, etc., respondem, de improviso, a perguntas, de interesse geral, feitas a pedido dos ouvintes.

Este programa ouve-se às 19.45 horas às segundas-feiras (African Service: 25.64 e 31.25 metros), e às 23.00 horas às quartas (North American Service: 49.10, 41.32 e 30.53 metros).



Dr. Ján Masaryk, Dr. Julian Huxley, Dr. C. E. M. Joad, Donald McCullough e Comandante A. B. Campbell

A B. B. C. FALA E O MUNDO ACREDITA



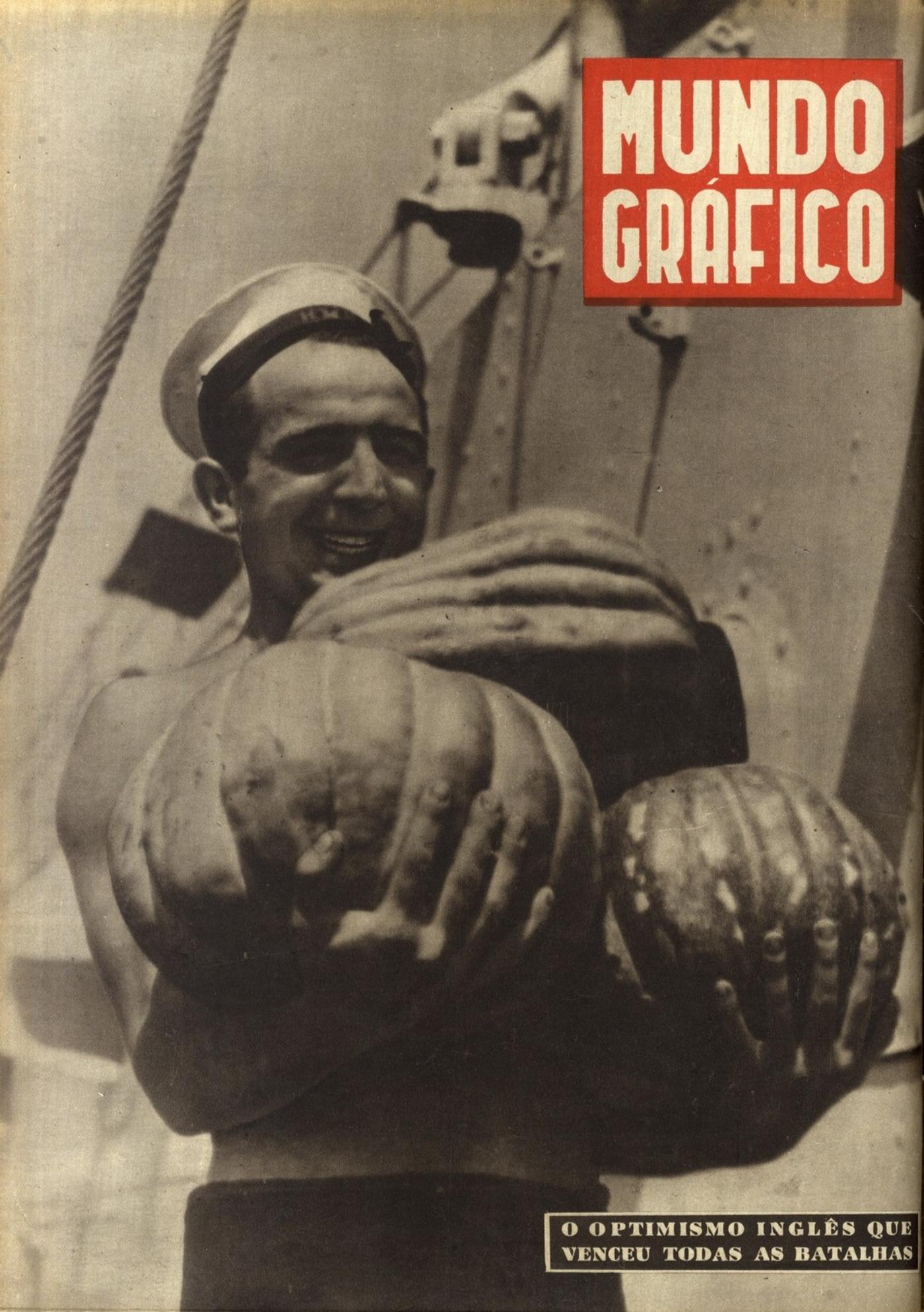
Professor Gilbert Murray, Mr. Geoffrey Crowther e Lord Samuel



Barbara Ward, Geoffrey Crowther e Dr. C. E. M. Joad



Comandante A. B. Campbell, Gerald Barry, Dr. Julian Huxley, Donald McCullough, Dr. C. E. M. Joad e Miss E. M. Delafield



MUNDO GRÁFICO

O OPTIMISMO INGLÊS QUE
VENCEU TODAS AS BATALHAS